



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**MAGNÓLIA SUELLEM DA SILVA AZEVEDO**

**ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA e IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DO  
SARGENTO SILVINO DE MACEDO, O HERÓI PICUIENSE (1941-1990).**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2022**

MAGNÓLIA SUELLEM DA SILVA AZEVEDO

**ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA e IDENTIDADE: A  
CONSTRUÇÃO DO SARGENTO SILVINO DE MACEDO, O HERÓI  
PICUIENSE (1941-1990).**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciada em História.

**Área de concentração:** História Local.

**Orientadora:** Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A994e Azevedo, Magnólia Suellem da Silva.  
Entre história, memória e identidade [manuscrito] : a construção do Sargento Silvino de Macedo, o herói picuiense (1941-1990) / Magnólia Suellem da Silva Azevedo. - 2022.  
91 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro , Departamento de História - CEDUC."

1. Memória. 2. Identidade. 3. História local. I. Título

21. ed. CDD 981.33

MAGNÓLIA SUELLEM DA SILVA AZEVEDO

**CONSTRUÇÃO DO SARGENTO SILVINO DE MACEDO, O HERÓI  
PICUIENSE (1941-1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada em forma de monografia apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História.

Área de concentração: História local

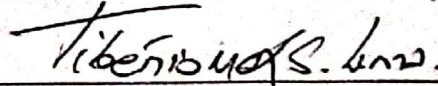
Aprovada em: 06/08/2022

**BANCA EXAMINADORA**



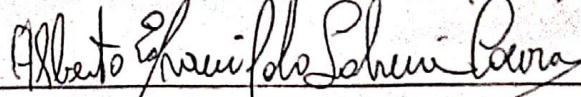
Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Tibério Max de Sousa Lima (Avaliador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Alberto Edvanildo Sobreira Coura (Avaliador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esta monografia aquele que acreditou nos meus sonhos, mas não pôde contemplar em vida esta conquista comigo (in memória meu pai Maginaldo). Sei que, diante das muitas estrelas do céu, o meu pai é uma delas que me ilumina. Obrigada por ser o meu exemplo de força, honestidade e amor. Seus ensinamentos e valores conduziram meus passos até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, pelo seu infinito amor e bondade, que sempre iluminou o meu coração com força e coragem para superar as inúmeras dificuldades no caminho. Obrigada imensamente, meu Pai, por nunca me deixar sozinha e por fazer infinitamente mais do que pedir e do que pensei.

Não chegaria até aqui sem o auxílio, apoio e amor de tantas pessoas a quem não posso deixar de agradecer. E, assim, por mil vezes, agradeço:

A minha mãe, Maria do Livramento da Silva Azevedo, que fez de tudo para tornar os momentos difíceis mais brandos, por encher meu coração de esperança e força. Mainha, sem o seu amor e cuidado eu não conseguiria seguir em frente. Obrigada por existir na minha vida, esta conquista é sua também.

As melhores irmãs do mundo, Annaluiza e Heloyse, por serem companheiras em momentos bons e ruins, compreensivas, amorosas, incentivadoras, e acreditarem incondicionalmente nos meus sonhos. Sou extremamente grata a Deus por ter me dado vocês duas como irmãs.

A meu bisavô Antônio Galego, o meu avô Marcelino e a minha avô Luísa, pelas orações e bênçãos diárias desejadas. Sou muito grata a Deus por ter vocês.

Ao meu melhor amigo e noivo Moisés e a minha sogra Eunice, que jamais me negaram apoio, carinho e incentivo. Obrigada, meu amor, por ser meu incentivador, pelos esforços em me ajudar, e por aguentar tantas crises de estresse e ansiedade. Sem você do meu lado a produção deste trabalho seria muito difícil.

A minha orientadora maravilhosa, professora Dr. Luíra Freire Monteiro. Exemplo de integridade, de amiga e profissional. Foi a quem primeiro acreditou em mim naquela universidade, e como te agradecer por tudo e por tanto, Lu? Foi uma honra ser sua monitora e agora orientanda. Foi você quem esteve comigo durante três anos da graduação, sempre contribuindo com dicas, referências, conselhos, e com a vasta experiência que possui, me proporcionando caminhar o caminho da docência com mais segurança. Você foi calma em momentos de desesperos e aflições quando tantas vezes te recorri nesta escrita. Obrigada, obrigada e obrigada por TUDO!!! Desejo muita felicidade em toda sua vida.

A minha amiga/irmã e madrinha, Elielma Nóbrega, por dividir comigo longas horas de viagens a Campina Grande diariamente, pelas palavras de incentivos, conselhos, companheirismo e ser um exemplo para mim. Tenha certeza que você contribuiu muito para o meu crescimento na universidade. Obrigada por tudo minha irmã.

Aos funcionários e professores da UEPB que me ajudaram a passar por este processo de graduação e que deixaram um pouco de contribuição em todos os campos, em especial a Emerson, funcionário do Departamento de História, e aos professores: Alberto Edvanildo, Matusalém Alves, Flávio Carreiro, Márcia Albuquerque, Maria de Lourdes (Babi), Socorro Cipriano, Hilmaria Xavier, Adilson Filho, José do Egito, José Júnior, Alana Moraes, entre outros.

Aos meus amigos e colegas que fiz ao longo desses anos na minha vida acadêmica na UEPB, e em especial, aos colegas e amigos de classe: Alexandre, Edneide, Isabela, Amanda, Fernanda, Felipe, Everton, Aline, Janaina, Antunes, Admilson, Isabel, Guilherme, Paulo, Josi, Íris e Andrey.

Agradeço a fundamental ajuda de Udenilson Silveira, Felipe Severiano, a professora Ariane Duarte, Kildemir Dantas, Alisson Pinheiro e Edson Calado, como também a do professor Robson Rubenilson, André Memorialista, Francisco Gomes (Shimba), e a Paróquia Nossa Senhora das Mercês de Cuité-Pb na pessoa do Padre João Paulo e Padre Fabiano, que contribuíram no fornecimento e indicação de fontes para esta pesquisa.

As minhas amigas Raquel, Karina, Késia, Viviane e Bianca, aos amigos Sterfson e Kleferson, e aos meus ex-patrões Sara e Inácio, que conheci em uma curta temporada na família da Loja Mais. O apoio, a amizade e o incentivo constante de vocês foram e são únicos. Aonde quer que eu vá jamais esquecerei cada um desta família.

Ao carinho da minha amiga de infância Fernanda, a Kelly e também Marisa, que conheci na produção deste trabalho, pelos votos sinceros de incentivos.

Ao prefeito Olivânio Remígio, que nunca mediu esforços de fornecer todos os dias ônibus de qualidade aos universitários de Picuí. Ao motorista Valdenir (Gordo), por toda responsabilidade de nos levar e trazer todos os dias da Universidade.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram diretamente e indiretamente para minha formação.

“Recuperar a cidade do passado implica de certa forma, não apenas registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir, reabilitar ou restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativos do contexto urbano. O resgate implica ir além desta instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro da carga de significados que esta cidade abrigou em outro tempo”.

-PESAVENTO, 2005



## RESUMO

A presente pesquisa pretende pensar como foi construído a imagem de Silvino de Macedo, conhecido localmente como “o herói picuiense”, e como este contribuiu para edificar uma identidade local na cidade de Picuí-PB, no recorte temporal de 1941 a 1990, período em que sua imagem heroica foi construída e novamente reafirmada na sociedade picuiense. Silvino de Macedo foi um Sargento do Exército Brasileiro, nascido em Picuí-PB no ano de 1871. Este teria comandado e participado no Rio de Janeiro de revoltas contra o governo do Presidente da República, Floriano Peixoto, nos anos de 1892 e 1893, respectivamente. A pesquisa é concebida por meio das perspectivas da Nova História Cultural, e parte do problema seguinte: Como foi construída a memória histórica de Silvino de Macedo, o herói picuiense, e como este contribuiu para afirmar uma identidade local. Para chegar às respostas da problematização, utilizamos fontes variadas, de natureza memorial, iconográfica, documental, bibliográfica e virtual, ancoradas nos fundamentos teóricos proporcionados por Pesavento (2005), Pollak (1992), Barros (2009), Le Goff (1990), Monteiro (2019), Nora (1993), Kaufmann (2005), Hobsbawn (2008), Campbell (2007) e outros. Ao final, concluímos ter sido Silvino elevado a herói local como o maior exemplo de coragem do lugar, por ter lutado para implantar a democracia no país e, sobretudo por ter comandado seu próprio fuzilamento. Os arquitetos dessa construção intentaram propagar na história local as características e os feitos dos grandes homens picuienses, com o fim de alicerçar uma identidade comum ao lugar.

**Palavras- Chave:** Memória. Identidade. Herói picuiense.

## ABSTRACT

The present research intends to think how the image of Silvino de Macedo, locally known as "the Picuiense hero", was built and how he contributed to build a local identity in the city of Picuí-PB, in the period from 1941 to 1990, the period in which his heroic image was built and reaffirmed in the Picuiense society. Silvino de Macedo was the second sergeant of the First Engineers Battalion, born in Picuí in 1871. The research is conceived through the perspectives of the New Cultural History, and starts from the following problem: How was the historical memory of Silvino de Macedo, the Picuiense hero, constructed, and how did it contribute to affirming a local identity. To reach the answers to the problematization, we used varied sources, of memorial, iconographic, documental, bibliographic and virtual nature, anchored in the theoretical foundations provided by Pesavento (2005), Pollak (1992), Barros (2009), Le Goff (1990), Monteiro (2019), Nora (1993), Kaufmann (2005), Hobsbawn (2008), Campbell (2007) and others. In the end, we conclude that Silvino was elevated to local hero as the greatest example of courage in the place, for having fought to implant democracy in the country and, above all, for having commanded his own firing squad. The architects of this construction tried to propagate in the local history the characteristics and the deeds of the great men from Picui, in order to establish a common identity for the place.

**Keywords:** Memory. Identity. Hero Picuiense.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Carta aberta: “O Sr. Mario Melo enganou-se”.....	39
Figura 2 Foto de Silvino de Macedo.....	43
Figura 3 Dedicatória de Silvino para sua Madrinha remetida em março de 1893.....	44
Figura 4 Capa do Livro de Batismos n° 11 da Freguesia de Cuité.....	47
Figura 5 Registro de Batismo de Silvino de Macedo.....	47
Figura 6 Registro de Batismo de Silvino de Macedo.....	48
Figura 7 Jazigo Perpétuo dos fuzilados da Imbiribeira na Matriz de Afogados.....	68
Figuras 8 e 9 Travessa Sargento Silvino Honório de Macêdo.....	68
Figura 10 Sobrado em que Silvino de Macedo Nasceu.....	69
Figura 11 Jazido de Silvino de Macedo construído em Picuí na década de 90.....	70
Figura 12 Placa de identificação do Jazido de Silvino de Macedo .....	70

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>A CIDADE COMO ESPAÇO DE MEMÓRIAS</b> .....	18
<b>2.1</b>	<b>História e Memória</b> .....	20
<b>2.1.1</b>	<i>Lugares de Memória</i> .....	23
<b>2.1.2</b>	<i>Picuí dos Macedos</i> .....	25
<b>3</b>	<b>A CONSTRUÇÃO DO HERÓI PICUIENSE</b> .....	33
<b>3.1</b>	<b>O embate pela origem do Herói</b> .....	35
<b>3.1.1</b>	<i>A prova “irretorquível”</i> .....	46
<b>3.1.2</b>	<i>Lapidando o herói na história local</i> .....	51
<b>4</b>	<b>O HOMEM E O MITO</b> .....	59
<b>4.1</b>	<b>De Revoltoso a Herói: A sentença condenatória de Silvino e a construção do mito</b> .....	63
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	74
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	77
	<b>ANEXOS</b> .....	88

## 1 INTRODUÇÃO

Conhecida como a Capital Mundial da Carne de Sol, como também Picuí de São Sebastião, de Felipe Tiago Gomes, de Silvino de Macedo e do Picolé Caseiro, o município de Picuí localiza-se no centro-norte do estado da Paraíba, mesorregião da Borborema e microrregião do Seridó Oriental paraibano, distando cerca de 230 km da capital João Pessoa, e fazendo divisa com a cidade de Carnaúba dos Dantas no estado do Rio Grande do Norte. De acordo com o último censo do IBGE<sup>1</sup>, Picuí possui área territorial de 661 Km<sup>2</sup> e uma população de 18.222 habitantes.

Antes sua área territorial entendia-se a todos os territórios que atualmente são municípios vizinhos: Pedra Lavrada, Nova Palmeira, Cuité, Nova Floresta, Frei Martinho, Barra de Santa Rosa, e os demais municípios circunvizinhos, que formavam o território da comarca de Picuí.

A memória local é marcada por nomes de “grandes homens”, considerados aqueles que, na maioria dos casos, tiveram participação na política local. Esta memória, transformada em história, tende a cristalizar nomes e feitos, afastando as pessoas comuns e a vida cotidiana do registro histórico, especialmente aquele realizado por décadas pelos chamados “historiadores diletantes” (SANTANA e MONTEIRO, 2019). Contudo, ela permanece e, em Picuí, a família Ferreira de Macedo é considerada como uma das principais famílias fundadoras do povoado e posteriormente da cidade. O fazendeiro Antonio Ferreira de Macedo teria vindo da região mineradora de “Serra Branca”, atual Pedra Lavrada-PB, e nas terras picuienses teria se fixado com o propósito de ali desenvolver sua criação de gado. A localização da sua fazenda estava situada na chamada “Umburanas”, á margem esquerda do riacho chamado “rio do Pedro”, distante aproximadamente três léguas da cidade (OLIVEIRA, 1963).

Antonio Ferreira de Macedo era casado com dona Maria Teresa da Conceição de Macedo, de cuja união procedeu toda a família “Ferreira de Macedo”. Aos descendentes desta família é atribuída a concretização do povoado e, posteriormente, o desenvolvimento da cidade de Picuí. Na história local, o seu filho, José Ferreira de Macedo, é considerado o verdadeiro fundador da cidade.

---

<sup>1</sup> Censo de 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/picui/panorama>. Acesso em Fevereiro de 2022.

José Ferreira de Macedo e mais tarde seus filhos, Thomas Clementino de Macedo, o primeiro líder político, o Cel. Manoel Lucas de Macedo, o primeiro prefeito de Picuí, e o Cel. Ananias Pereira de Macedo, o segundo prefeito de Picuí, teriam contribuindo com grandes feitos no desenvolvimento da cidade.

Outros considerados “grandes homens” desta família também são destaques na história da cidade, como Antonio Xavier de Macedo, Francisco Ferreira de Macedo, Francisco Eduardo de Macedo, Antonio Firmino de Macedo, dentre outros.

Além disso, há também na história local nomes desta família que se destacaram nacionalmente. Como é o caso de Estevão José da Rocha (irmão de Antônio Ferreira de Macedo), que recebeu de D. Pedro II o título de Barão de Araruna, por carta em 03 de Junho de 1871, pelos relevantes serviços prestados à Província da Parahyba do Norte. Em 1840 ele já possuía o posto de Capitão da Guarda Nacional, em 1850, Tenente Coronel, depois Coronel e, finalmente Barão de Araruna (MEDEIROS, 2021).

Vicente Ferreira de Macedo (outro irmão de Antônio Ferreira de Macedo), também é exaltado na história local, como um dos pioneiros da indústria extrativista de minério, tornando-se um dos maiores comerciantes de minérios de toda a região.

Silvino de Macedo seria outro descendente da família Macedo, que se destacara nacionalmente. Segundo a história local, Silvino seria fruto de uma união ilícita entre uma escrava de nome Benta com um filho do fazendeiro Manuel Nunes de Macedo<sup>2</sup>, o então José Luciano de Macedo. Segundo Oliveira (1963), Silvino, de origem humilde, conseguiu por meio de seu pai ingressar na Escola de Aprendizes de Marinheiro no Recife, e depois teria seguido para o Rio de Janeiro, onde serviu como 2º Sargento do Primeiro Batalhão de Engenheiros<sup>3</sup> do Exército Brasileiro.

Na história local, Sivino de Macedo foi elevado a herói picuiense por liderar e participar de revoltas no Rio de Janeiro, nos anos de 1892 e 1893, após a implantação do regime republicano no Brasil. O Sargento Silvino liderou a revolta de 19 de Janeiro de 1892, na Fortaleza de Santa Cruz, contra o governo considerado inconstitucional do Marechal

---

<sup>2</sup> Cel. Manuel Nunes de Macedo é irmão de José Ferreira de Macedo (MEDEIROS, 2021).

<sup>3</sup> Em 23 de janeiro de 1855, foi criado o Batalhão de Engenheiros ligado a Arma de Artilharia, situação que perdurou cerca de 53 anos, até a criação em 4 de junho de 1908 da Arma de Engenharia, no contexto da Reforma do Exército, levada a efeito pelo Ministro da Guerra Marechal Hermes de Fonseca. O Batalhão de Engenheiros foi criado para apoiar o movimento do Exército durante as campanhas e não se limitou apenas a obras e reparos no Rio de Janeiro (BENTO, 2005).

Floriano Peixoto, como também teria participado heroicamente da Revolta da Armada em 1893<sup>4</sup> com o mesmo objetivo antiflorianista.

Em decorrência disso, o Sargento Silvino de Macedo teria sido condenado ao fuzilamento pelo próprio Marechal Floriano Peixoto. A ordem teria vindo por meio de uma carta enviada ao Recife, lugar onde Silvino foi reconhecido, preso e depois morto. No entanto, segundo a memória existente local, antes mesmo que as balas chegassem ao seu peito, Silvino teria dado ordem para sua própria execução. Portanto, o mesmo seria considerado o maior exemplo de coragem desta terra, pois não teria pedido clemência ao Marechal, e não teria recuado dos seus princípios de luta, mas teria comandando o seu próprio fuzilamento (GOMES, 1984).

Como forma de imortalizar a sua heroica memória, o seu nome foi utilizado para nomear um logradouro no centro da cidade. Posteriormente, precisamente na década de 90, a urna com os seus restos mortais teria vindo do Recife para Picuí, por iniciativa do picuiense Dr. Felipe Tiago Gomes, junto a Prefeitura Municipal, que tinha como prefeito na época o Sr. Sebastião Tibúrcio de Lima.

Nesta mesma época foi construído um monumento em forma triangular no meio de uma praça para salvaguardar a urna funerária de Silvino e, conseqüentemente, sua memória. Esta praça é localizada em frente ao ginásio municipal Felipe Tiago Gomes, como também próximo a Prefeitura Municipal e a Rádio Cenecista.

Segundo Caimi e Mistura (2018), na mitologia grega os heróis eram vistos como semideuses, figuras intermediárias entre humanos e deuses, superiores aos humanos tanto em força quanto em inteligência, embora não tivessem o privilégio da imortalidade. A palavra vem do latim heros e foi gradualmente usada nas sociedades ocidentais para se referir a figuras notáveis, conhecidas por mérito e virtude, que agiram bravamente em prol do coletivo.

---

<sup>4</sup> Os insatisfeitos com o autoritarismo de Floriano – incluindo republicanos liberais, monarquistas, deodoristas e federalistas – se aliaram à Armada que ajudou a derrubar Deodoro anos atrás. Em 6 de Setembro de 1893, a esquadra insurgente - composta por 16 navios de guerra, incluindo Aquidabã, Guanabara e República, além de 18 navios mercantes aprisionados, cercaram a entrada do Rio de Janeiro. Estes exigiram a renúncia de Floriano Peixoto e o cumprimento da Constituição de 1891. Ao assumir o lugar de Deodoro, Floriano não convocou eleições presidenciais, conforme previa o artigo nº 42 da Constituição de 1891 para o caso de vacância do cargo em menos de dois anos após a posse do presidente. Embora os revoltosos fossem na maioria da Marinha, não tinham grande apoio popular e enfrentaram forte e ferrenha oposição do Exército, com a adesão de milhares de jovens a batalhões de apoio ao presidente Floriano Peixoto na capital federal e nos estados (SILVA, 2016).

Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/revolta-da-armada>. Acesso em: 01 de Julho de 2022.

Ao longo dos séculos, dependendo das circunstâncias políticas e sociais, a imagem dos heróis foi moldada nos textos de poetas, cronistas e historiadores, livros escolares, museus, monumentos, estátuas, toponímias, arquitetura, coleções arqueológicas e históricas, de acordo com as circunstâncias políticas e sociais de cada época e de cada sociedade.

Segundo o historiador Fraga (2012), os heróis têm também a missão não apenas importante, mas fundamental, de retratar, representar e fazer lembrar as suas pátrias, nas suas virtudes e magnitudes. Sendo elemento capaz de gerar e evocar emoções coletivas em qualquer sociedade, fazendo com que a sua disseminação seja estratégia política de busca, adesão e identificação social.

Nesta perspectiva, buscamos nesta pesquisa averiguar a partir da história local e dos lugares de memória, a construção da imagem de Silvino de Macedo, o herói picuiense entre 1941 a 1990, período em que sua imagem heroica é construída e reafirmada na sociedade picuiense.

Assim, partimos da seguinte problematização: Como foi construída a memória histórica de Silvino de Macedo, o herói picuiense, e como este contribuiu para afirmar uma identidade local.

Como objetivo geral, nossa proposta foi compreender os interesses presentes na seleção das memórias para a construção do herói local, que contribuíram para sua identificação a população local.

Os objetivos específicos foram: discutir a produção da memória e identidade, a partir da história local e dos lugares de memória. Refletir sobre a construção do mito do herói Silvino de Macedo em Picuí e a sua relação com a expressão de uma cidade promissora na história local, com destaque aos feitos memoráveis aos descendentes da família Macedo. Compreender como foi articulado inicialmente o mito do herói em Silvino logo após a sua morte no Recife e como este foi cultuado no tempo e no espaço pela memória. Por fim, apresentar os lugares de memórias construídos em favor da memória do herói.

Meu interesse por este tema sobreveio graças ao advento da expansão da história, em que possibilitou novos olhares e campos de escrita para o historiador. No final do século XX, grandes mudanças ocorreram no campo da história, com a efervescência da Terceira Geração dos Annales, que desencadeou uma revolução na abordagem histórica ao implementar novas propostas para a construção do conhecimento histórico e, assim, a produção historiográfica. A



Nova História Cultural possibilitou novas abordagens historiográficas, e temas como relações de gênero, interação social, trabalho, cidades, cotidiano etc, passaram a fazer parte das suas abordagens.

Assim, a historiografia voltou também o seu olhar para a pesquisa da história local, e as cidades, consideradas micro pátrias, tornou-se alvo de historiadores profissionais ou em formação, munidos de novas teorias da história cultural, relações de poder, subjetividade, estudos de gênero e outros, que buscam uma releitura do passado, partindo de diferentes abordagens.

Com isso, as fontes tradicionais baseadas na escola metódica, na qual os documentos falavam por si, com a Nova História, passaram a ser analisados e interrogados, considerando-se que documentos e monumentos são transpassados de intencionalidades. “Na perspectiva da moderna prática historiográfica, nenhum documento fala por si mesmo, ainda que as fontes primárias continuem sendo a alma do ofício de historiador” (NAPOLITANO, 2008, p.240).

Pelo meu lugar social, a escolha do tema vem pelo fato de ser Picuiense, e pela curiosidade de saber como foi desenvolvida a história deste herói, em que muitas pessoas, principalmente as novas gerações, não têm quase ou nenhum conhecimento desta história.

A pesquisa se faz pertinente na medida em que não existe até então nenhuma abordagem de cunho historiográfico acerca desde herói picuiense. Dessa forma, oferto para o mundo acadêmico uma análise crítica da história, partindo da perspectiva local e buscando compreender os interesses por trás das construções históricas.

Como lembra Chartier (1990), o papel desnaturalizador aos historiadores:

Depois de Foucault, torna-se claro, com efeito, que não se podem considerar esses “objetos intelectuais” como “objetos naturais” em que apenas mudariam as modalidades históricas de existência [...] Por detrás da permanência enganadora de um vocabulário que é o nosso, é necessário reconhecer, não objetos, mas objetivações que constroem de cada vez uma forma original (CHARTIER, 1990, p.65 apud PEREIRA, 2017.)

Dessa forma, não temos o objetivo de refutar a narrativa sobre o herói, muito menos omitir, mas a pesquisa em questão torna-se importante no sentido de realizar a compreensão de como este foi construído na memória local através de uma análise crítica das fontes.

A escrita deste trabalho é concebida por meio das perspectivas da Nova História Cultural, que expandiu os objetos e as abordagens da escrita da História. Para chegarmos às respostas da nossa problematização, se fez necessário primeiramente alicerçar a nossa pesquisa por meio da metodologia das fontes bibliográficas em livros de memorialistas locais. Principalmente a análise do capítulo “Silvino de Macedo- O Mártir da Imbiribeira” que narra toda a trajetória de vida de Silvino Macedo. Este capítulo faz parte do livro “Município de Picuí - Esboço Histórico”, publicada no ano de 1963 pelo escritor memorialista picuiense, Abílio César de Oliveira. Esta obra é a mais antiga publicada, até então, sobre a história de Picuí.

Também foi utilizado o livro “Silvino de Macedo, o herói Picuiense” do picuiense Felipe Tiago Gomes, publicado em 1984, que conta a história do herói Picuiense através de um embate entre o autor do livro e o jornalista e escritor pernambucano Mario Melo ocorrido no ano de 1941 através do Jornal Pequeno do Recife. Dr. Felipe Tiago Gomes, através do recolhimento de depoimentos de testemunhas e de documentos, desafiou Mario Melo para provar a naturalidade picuiense e paraibana de Silvino, já que esta foi posta em dúvida pelo jornalista.

Para além das fontes bibliográficas e também iconográficas, utilizamos outras de natureza variada, inclusive registros eclesiais, fonte tão rica e ainda esquecida e pouco falada em nossa formação de historiadores.

No Capítulo Um, intitulado: “*A cidade como espaço de memórias*”, iniciaremos com a contextualização do conceito de cidade com objetivo de fazer uma reflexão do conceito a partir de uma perspectiva interdisciplinar. A partir dessas premissas interdisciplinares, nos concentramos para uma breve reflexão sobre a relação entre História e Memória, e logo em seguida a relação com o espaço urbano, especialmente o que se convencionou de chamar lugares de memória, como uma categoria apropriada para estruturação da memória e também da identidade em torno da construção do herói picuiense. A partir desta discussão apresentamos a história dos marcos da cidade de Picuí, para compreendermos o percurso da cidade até o nascimento do herói em torno da imagem do sargento Silvino de Macedo.

No capítulo Dois, de título: “*A construção do Herói Picuiense*”, no sentido de entendermos a construção do herói, partimos primeiro de como surgiu desde o século XIX na historiografia brasileira a necessidade de criar heróis para a formação de uma história brasileira e com o intuito de construir uma identidade brasileira. Primeiro com o IHGB,

depois com implantação da República, passou a tarefa para os Institutos locais através das micro pátrias. Nas duas seções seguintes do capítulo discutimos o embate pela legitimidade da origem picuiense, buscando entender através desse embate como foi construída e legitimada a imagem de herói a Silvino na história local. Em seguida buscamos analisar como foi construído e articulado por meio de uma continuidade história, os ideais, virtudes e feitos dos grandes homens da história de Picuí, a Silvino de Macedo, que contribui para a edificação de uma identidade picuiense.

No terceiro e último capítulo, sob o título “*O Homem e o Mito*”, abordamos as representações que foram construídas logo após a morte de Silvino de Macedo no Recife, que legitimam a narrativa mítica do Herói e como este foi utilizado no tempo e no espaço. Por fim, apresentamos os lugares de memórias construídos como forma de reavivar e concretizar a memória do herói em Picuí.

## 2 A CIDADE COMO ESPAÇO DE MEMÓRIAS

Diomira, Isidora, Zaíra, Zora e Maurília são algumas das 55 cidades que povoaram o imaginário literário de Calvino (1990). Apesar de “invisíveis” e possuindo nomes de mulheres, estão inseridas em onze temas como “memória”, “os símbolos”, “contínuas”, entre outros. Marco Polo descreve as cidades ao imperador Kublai Khan, pois este era impossibilitado devido ao tamanho do seu império de “conhecê-las”. Das várias interpretações possíveis ao livro, entendemos que a cidade é única em sua forma, espaço e habitantes, podendo ao mesmo tempo, conter várias cidades nela mesma. O fato de serem invisíveis faz com que as cidades sejam imensas, infinitas. No entanto, a diversidade de cores, aromas, casas, ruas e habitantes, de inúmeros aspectos, eleva a cidade a um organismo complexo, incompreensível e muitas vezes contraditório (PRATA, 2020).

Assim, de acordo Prata (2020), conhecer uma cidade é mais que encontrar a etimologia de seu nome, apontar sua localização geográfica ou classificá-la de acordo com sua forma de povoamento ou estrutura espacial. .

Segundo Vasconcelos (2015), estudar cidade implica discutir as transformações desde conceito temporalmente, identificando as questões políticas envolvidas, o contexto histórico, o espaço geográfico e temporal em que o conceito foi elaborado. Portanto, para o autor “a cidade existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir” (p.4).

Segundo Moreira (2007), a cidade nasceu a partir da divisão social do trabalho, que possibilitou o aumento da produtividade do trabalho e conseqüentemente a geração dos excedentes na produção, onde parte da população se disponibilizou para a realização de atividades não agrícolas.

Karl Marx e Fiedrich Engels (2005) definiram a cidade como “o local da concentração da população, dos instrumentos de produção, do capital, dos prazeres e das necessidades [...]” (p.64 )

Para Pesavento (2007), o conhecimento de cidade permeia a compreensão de que elas são concentrações das instituições políticas, culturais, sociais e econômicas, e se encontram “na origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos” (p. 11).

A arquiteta Raquel Rolnik (1995), conta como as cidades evoluíram e destaca que seu nascimento se confunde com a “origem do binômio diferenciação social / centralização do poder”, e que cidade significa, simultaneamente, “uma maneira de organizar o espaço e uma relação política” (p. 21).

Ainda conforme a arquiteta, foi na cidade onde passou a ser administrada à produtividade da terra, a produção das ferramentas de trabalho e a guerra. É também na cidade e através do surgimento da escrita, que passou a registra-se a acumulação de bens e conhecimentos.

Dessa maneira, o ser humano passou a escrever um novo território, que passou a crescer não mais apenas pelas condições naturais. Dessa forma, a autora começa a relacionar a cidade com a escrita e cria um paralelo entre a ação de empilhar tijolos com a de agrupar letras, formando as palavras, concluindo que construir cidades significa uma forma de escrita que permanece na memória:

Na cidade-escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa em uma memória que, ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte. Não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, ordens, inventários) que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre também este papel (ROLNIK, 1995, p. 16-17).

Segundo Rolnik (1995), o desenho das ruas, das casas, das praças, dos templos, conta a experiência de quem os construíram e denotam um mundo. Essas construções podem ser lidas e decifradas como um texto. É como se a cidade fosse um grande alfabeto, com o qual constrói e desconstrói palavras e frases. Por isto, quando as construções antigas são demolidas ou transformadas, esses textos são apagados, conferindo espaço à construção de novos textos e significados.

Todas as breves concepções aqui apresentadas são importantes para a reflexão sobre o conceito de cidade. Uma análise desses conceitos a partir de uma perspectiva interdisciplinar sobre o assunto mostra que eles não são mais verdadeiros ou falsos que outros. Alguns se complementam, enquanto outros se concentram em aspectos limitantes do objeto, condicionados a apresentar diferentes perspectivas conceituais. A partir dessas premissas interdisciplinares, nos concentraremos para algumas reflexões sobre o espaço urbano, especialmente o que se convencionou chamar lugares de memória.

Ao longo da década de 1990, a emergência de uma história cultural veio proporcionar uma nova abordagem ao fenômeno urbano. O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural é que a cidade não é mais considerada só como um ‘locus’ privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais. (PESAVENTO, 2007, p.13)

Entender como se deu o processo de construção das representações simbólicas em torno do herói para a construção dos espaços de memórias na cidade, e que ideias ou ideologias motivaram os sujeitos envolvidos é importante para o nosso trabalho.

## 2.1 História e Memória

Para compreendermos a noção dos “lugares de memórias”, que neste trabalho é percebido como uma categoria apropriada para estruturação da memória em torno da construção do herói picuiense na história local, antes discutiremos brevemente a relação entre Memória e História.

A dualidade entre a história e memória já era conhecida pelos gregos com sua linguagem mítica de expressar o mundo, como apresenta Sandra Pesavento (2005):

(...) os gregos nos falaram da deusa Mnemósine, a memória, mãe das musas, entre as quais se encontrava Clio, a história. Mnemósine e Clio deviam ter, contudo, afinidades especiais, pois ambas tinham a seu encargo a construção de narrativas sobre uma temporalidade já transcorrida. A presentificação de uma ausência, tarefa comum voltada para a representação mnemônica do passado, devia fazer de Clio a filha diletta de Mnemósine, a deusa que presidia e tutelava este rememorar das coisas acontecidas. Mas o estilete da escrita e a trombeta da fama, atributos de Clio, reverteriam esta situação, fazendo caber à história o registro autorizado sobre o passado, atividade marcada pelo atributo de permanência do texto sobre a oralidade. (p.10)

A autora utiliza-se da explicação mitológica grega para nos demonstrar o momento em que a história passa a subordinar a memória. Utilizando esta última como objeto e campo de ação na retomada das marcas do passado.

A história faz da memória uma de suas marcas de historicidade, mesmo que a evocação decorra de uma narrativa muito específica movida por um vago – “eu creio que me lembro”, ou mais expressivo, – “ouvi dizer quer” (PESAVENTO, 2005, p.10).

O principal objetivo da história, conforme formulado por Heródoto, era evitar que fossem esquecidas “as grandes façanhas dos gregos e dos bárbaros” (BARROS, 2009, p.38).

Tratava-se de guardar o que deveria ser lembrado, e assim evitando ser apagado pelo “rio do esquecimento” chamado Lethes.

Heródoto teria buscado a preservação das tradições junto à necessidade de encontrar a verdade, pois quando assumiu o dever de registrá-las, além do salvamento dos fatos do esquecimento, dirigiu a investigação histórica no sentido de explorar o desconhecido e o já esquecido. Em sua obra, articulou a memória à tradição oral, e seu método consistiu em estabelecer a verdade através do cruzamento de testemunhos.

Tucídides distancia-se de Heródoto, por acreditar que a única maneira de conhecer o passado é partindo do presente. Para ele, a história contemporânea é central na investigação histórica tanto por nela encontrar algo de imutável na natureza humana, quanto única forma que pode ser narrada com relativa confiabilidade.

Conforme Sá (2008), nos escritos de Tucídides, há a reivindicação da escrita como meio de fixação dos acontecimentos, sendo a sua imutabilidade uma garantia de fidelidade. Nesta leitura, é destacada a fragilidade da memória, tanto a própria como a alheia. Não podendo confiar nem na sua exatidão nem na sua objetividade.

A ressonância clássica da relação história-memória só seria superada em meados do século XVIII, quando Voltaire afirmou que a História não era questão de Memória, mas de razão. Dessa forma, as memórias construídas a partir de subjetividades começaram a não ser mais vista como confiáveis para a produção do conhecimento científico (SÁ, 2008).

Esse processo continuou no século XIX, com a consolidação da disciplina da História e a profissionalização dos historiadores, quando impôs o domínio dos documentos escritos como fontes, minando a tradição oral e, assim, dissolvendo a memória do discurso histórico. “Nesta época, os historiadores identificavam as memórias como uma fonte dúbia para a verificação dos fatos históricos” (SÁ, 2008, p.271).

Os historiadores passaram a adotar um conjunto de procedimentos para se diferenciar daqueles então considerados ‘amadores’, que eram cronistas, políticos, literatos, profissionais liberais, que dominavam os estudos históricos (CHIOZZINI, 2004).

De acordo com a Historiadora Marieta Ferreira (2002), foi nesse quadro, que a História tinha como principal objetivo descrever “por meio de documentos” as sociedades passadas e suas transformações. O documento e a sua crítica eram considerados essenciais

para distinguir a História científica da história literária, ou seja, os profissionais da História dos ensaístas.

Esta seria o resultado de um trabalho metódico, conceitual, investigativo, reflexivo, baseado no método científico; a memória, por outro lado, seria uma atividade espontânea, pré-reflexiva, contínua e inerente ao indivíduo. Esta última abordaria o passado para revivê-lo e a História se distanciaria para analisa-lo. Em nome da ciência, construiu-se um muro para separar a História da Memória (FREIRE, 2016).

Assim, a História metódica e factual do século XIX, centrada no estudo de "grandes eventos históricos" e "grandes personalidades", foi preponderante até o início do século XX. Seu questionamento refere-se ao surgimento da corrente historiográfica francesa da *Escola dos Annales*, a partir de 1929.

Conforme o historiador José D'Assunção Barros (2010), os Annales e Novos Marxismos favoreceram um processo de expansão de fontes e objetos de estudo, que mais tarde consistiu em um resgate maior das relações entre História e os relatos produzidos pela Memória. O objetivo era volta-se para as pessoas comuns, e não apenas os "grandes indivíduos", e também para as diversas dimensões da sociedade além da Política como a Cultura, a Economia, as Mentalidades, etc.

De acordo com Sá (2008), o interesse pela Memória é iniciado especialmente pela chamada "história das mentalidades" em voga a partir de 1960. Foi o Francês Philippe Ariès, um dos primeiros historiadores, a enfatizar o papel dos rituais comemorativos, que tinham a função de fortalecer os laços familiares no final do século XVIII e início do século XIX.

Philippe Áries também chamou a atenção para o papel dos monumentos, das comemorações, que homenageava figuras políticas de destaque ao longo do século XIX, e de como eles se relacionavam com a emergência dos Estados Nacionais (HUTTON, 1993 apud SÁ, 2008).

Assim, estabeleceu uma nova relação entre História e Memória, ao questionar o papel da memória coletiva na construção da história, das identidades coletivas, da Memória e do esquecimento como fenômenos políticos, etc. A partir de então, a Memória torna-se objeto da História, e assim, uma História da Memória passa a existir (SÁ, 2008).



De acordo Santos (2007), a autenticidade buscada pela História não se baseia mais na busca de um passado imutável, mas na relação dinâmica entre o que é escrito/descrito/narrado e o presente de quem o faz. Não buscamos mais uma autenticidade inquestionável, mas sim compreender como o passado viveu e sobreviveu em monumentos, documentos, vestígios, signos, histórias, lugares de memórias, que ainda são vistos como espaços privilegiados para a compreensão do presente.

### **2.1.1 Lugares de Memória**

Em 1996 a geógrafa brasileira Ana Fani Carlos propôs a singularidade da definição de lugar em seu livro, compreendendo o espaço como uma marcação do espaço, tendo como referência as experiências vividas, para ela, “[...] o lugar permite o pensar, o viver, o habitar, o trabalho, o lazer [...]” (p.20). Nesse sentido, o lugar não é meramente um marcador do território físico, “isto é, o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo” (CARLOS, 1996, p.16).

Em 1993, o Historiador Francês, Pierre Nora, em sua obra “*Entre memória e história: a problemática dos lugares*” desenvolveu a construção de uma nova concepção para trabalhar essas vivências: “Os Lugares de Memórias”.

Para o autor, os lugares de memória para as sociedades contemporâneas são “restos” desatualizados desse mundo, sendo museus, arquivos, cemitérios, festas, aniversários, marcos de outro tempo que anseiam pela eternidade. Os lugares de memória nascem e sobrevivem do sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso nutrir arquivos: “Se o que defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que envolvem, eles seriam inúteis” (p. 13). Por isso a necessidade de se criar lugares para a preservação de memórias coletivas.

O autor discorre sobre a substituição da História-Memória pelos lugares de memórias na sociedade contemporânea, que seria lugares em todos os sentidos do termo. Lugares onde a memória se fixou, passando do material, ao funcional e simbólico, e esses três sempre coexistem:

São lugares, com efeito nos três sentidos das palavras, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de

aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. (NORA, 1993, p. 21-22).

Para Nora (1993), a aproximação do historiador dos lugares de memória supõe uma operação crítica, que permita construir, com os fragmentos que representam esses lugares uma das leituras possíveis do processo histórico que os selecionou, e o revestiu de um particular significado, para desvendar assim os códigos dos rituais que os monumentalizaram e, por fim, historicizá-los.

Para Hartog (2006), o conceito de lugar de memória não deve ser lido apenas de forma literal. O lugar não é simplesmente dado. Segundo o autor, “é construído e reconstruído sem cessar, podendo ser interpretado como encruzilhada onde se encontram ou deságuam diferentes caminhos de memória” (HARTOG, 2006 apud NOSEDA, 2017, p.80).

Roger Chartier (2002), quando trata das inúmeras possibilidades de leitura de um símbolo, afirma que este nunca é “lido” de uma única maneira. Consequentemente, podemos dizer que os símbolos construídos sobre o passado visam de alguma maneira “educar” os olhares daquela sociedade.

Para Candau (2011), esses lugares não são feitos apenas de memórias, assim como nenhum indivíduo é capaz de armazenar e evocar toda a sua existência. É a partir da delimitação seletiva de fatos "representados como marcos de uma trajetória individual ou coletiva que encontra sua lógica e coerência nessa demarcação" (p.98), que os indivíduos organizam suas histórias, constrói a ideia de si próprios e fortalecem seus laços sociais.

Assim, escolher de maneira intencional ou involuntária, entre o preservar e o demolir, entre o lembrar e o esquecer, faz da memória um objeto ideológico que pode garantir a preservação de símbolos, de necessidades ou aspirações de alguns grupos em relação ao seu espaço. Portanto, o estudo da memória deve considerar as relações de força que detinham o poder no momento de sua criação e durante sua permanência na cidade, nunca esquecendo a historicidade das ações humanas, que correspondem a uma visão de mundo (NORA, 1993).

Segundo Pollak (1992) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

No que diz respeito à memória de grupo, Pollack (1992) referiu-se a um processo de enquadramento da memória. Esse trabalho seria realizado por agentes sociais, instituições que, direta ou indiretamente, estabelecem ou veiculam imagens de um passado comum que foram fabricadas, para manter ou justificar uma determinada ordem ou ação. Uma seleção de objetos, documentos/monumentos incluídos nesse universo, enfim, significados, passam a fazer parte da história de um grupo ou povo.

Para Kaufmann (2005), a identidade não é estática nem fixa: há uma distância entre quem fomos, quem somos e quem queremos ser. Além disso, a identidade não é única, e nem pura, mas o produto de processos de fragmentação, transformação e recomposição, ou seja, não somos apenas uma coisa, não pertencemos apenas a um conjunto, mas resultamos da interseção entre grupos, e negociamos continuamente posições ao longo do tempo.

Dessa forma, quando certa versão triunfa, no momento em que narrativas são criadas para serem aceitas e oficializadas e outras para serem afastadas em um determinado contexto, é preciso questioná-las. Dessa forma, são importantes as perguntas feitas pelo historiador português Fernando Catroga (2015), sobre: “Quem recorda o quê? E por quê? Que versão do passado se registra e se preserva? O que é que ficou esquecido?” (p. 76).

A partir desta discussão, os próximos pontos são importantes para compreendermos como o herói foi articulado ao Sargento Silvino de Macedo, como também, a construção dos lugares de memória e como essa memória passou a ser reconhecida.

### **2.1.2 *Picuí dos Macedos***

Segundo a Jornalista Fabiana Agra, no seu livro “*Picuí do Seridó: dos primórdios até 1930*”, as primeiras incursões para a colonização de Picuhy ocorreram entre 1704 e 1706, quando o presidente da província da Paraíba era Fernando Barros Vasconcelos. Exatamente no dia 26 de Dezembro de 1704, Dona Isabel da Câmara, Capitão Antônio e Mendonça Machado, Alferes Pedro de Mendonça Vasconcelos e Antônio Machado requereram e

obtiveram a sesmaria nº48, três léguas de terra, 18 km, próximo ao riacho chamado pelos nativos de Pucuhy.

Entre os anos de 1750 e 1760 há registros de novas correntes de povoamento, inclusive adquirindo as primeiras propriedades ali instaladas. Famílias principalmente de Pernambuco, Rio Grande do Norte e do Brejo Paraibano iniciaram a colonização. Segundo a tradição oral, as famílias pioneiras da região foram: Costa, Barros, Oliveira, Farias, Macedo, Lima, Azevedo, Dantas, Ferreira, Gomes, Araújo, Pereira, Estrela, Henriques, Garcia do Amaral, entre outras (AGRA, 2010).

No entanto, apesar da concessão das sesmarias ao longo do século XVIII, a região do Seridó oriental paraibano continuou escassamente povoada, pois a maioria das datas de terras concedidas aos sesmeiros era utilizada apenas para a criação de gado e muitas das quais nem sequer eram utilizadas.

Segundo Agra (2010), o repovoamento efetivo da região começou no final do século XVIII e início do século XIX, tendo seu núcleo de ocupação ao largo de uma estrada existente, onde atualmente se encontra o município de Pedra Lavrada- PB, tendo sido construída em 1760 a primeira capela no local.

Conforme a obra pioneira sobre a história do município de Picuí, intitulado “Município de Picuí (Esbôço histórico)”, do picuiense Abílio César de Oliveira, publicado no ano de 1963, o surto epidêmico de *cholera morbus* é considerado como fator importante na intensificação do povoamento das terras picuienses, isto porque, no ano de 1856, esse forte surto epidêmico assolou todo o Nordeste brasileiro, atingindo a população do interior paraibano.

Diante dos elevados números de mortos, a população recorreu à fé. Uma promessa foi feita ao santo mártir São Sebastião, o voto consistiu em assentar o santo mártir como padroeiro do lugar e elevar uma capela em sua honra, caso as mortes cessassem.

Sobre o desfecho deste acontecimento, Oliveira (1963), discorre: “A verdade é que, ou por milagre do Santo invocado pelos agricultores locais, ou por extraordinária coincidência, daquele dia em diante, segundo narram os antigos, ninguém morreu mais de cólera morbos em nossa terra” (p.17).

Segundo os escritos de Oliveira (1963), não havendo mais registros da doença, a construção da capela teve início no mesmo ano da realização da promessa, em 1856, e no local que até então era um curral de gado do fazendeiro Lázaro José Estrela.

No ano seguinte, em 1857, foi concluída a construção da capela e uma grande festa aconteceu no dia 3 de Setembro, com a primeira visita do pároco da cidade de Areia, Padre Francisco de Holanda Chacon.

No livro de Oliveira (1963), o IV capítulo, intitulado o “Fundador de Picuí”, é apresentado personalidades da família Macêdo, dando ênfase para Antônio Ferreira de Macedo, e seus filhos, considerados pessoas importantes no desenvolvimento do povoado e conseqüentemente para a realização da promessa e também da capela.

As informações trazidas pelo autor foram obtidas através de relatos de antigos moradores. Segundo seus escritos, no início do século XIX, teria vindo da cidade de Pedra Lavrada-PB<sup>5</sup>, para estas terras o fazendeiro Antônio Ferreira de Macedo, onde este teria se estabelecido com fazendas de gados nestas terras. Este fazendeiro tinha o mesmo nome do seu pai, e possuía dois irmãos: Vicente Ferreira de Macedo e Estevão José da Rocha, esse último, ficou conhecido na história à Paraíba, como Barão de Araruna.

Segundo Oliveira (1963), a união de Antônio Ferreira de Macedo com dona Maria Teresa da Conceição de Macedo, procedeu toda a família “Ferreira de Macêdo” nesta região, e ficou conhecida como a família dos fundadores de Picuí. Pois, teria sido um filho desse casal, de nome José Ferreira de Macedo, que teria tido a ideia acolhida por todos de fazer a promessa ao Mártir São Sebastião para cessar as mortes. E mais tarde, os fazendeiros teriam sido liderados por ele, para a construção da Capela de São Sebastião, hoje situada a Igreja Matriz da cidade.

Ao prosseguir o texto, Oliveira (1963), nos conta que em 16 de Agosto de 1860, os fazendeiros da região liderados por José Ferreira de Macedo, se reuniram para dar um nome ao povoado que crescia em torno da capela. E em gratidão a São Sebastião, que fez cessar a epidemia, os fazendeiros concordaram que fosse dado o nome deste santo ao povoado. No entanto, segundo o autor, teve um dos fazendeiros, entusiasmado com a vitória do Brasil na

---

<sup>5</sup> O município de Pedra Lavrada é distante do município de Picuí cerca de 30 km e está localizado no interior do Estado da Paraíba, mais precisamente, na microrregião do Seridó, no leste do estado. Existem menções na literatura que citam a localidade já em 1760, tornando-o um dos assentamentos mais antigos da região.

guerra do Paraguai, que sugeriu acrescentar ao nome do Padroeiro, a palavra “Triumpho”, e assim o povoado nasceu sob o nome de São Sebastião do Triumpho.

Conforme Agra (2010), após a escolha do nome do povoado, os fazendeiros assinaram um documento, em que estabelecia a doação de terras para o patrimônio de São Sebastião, onde atualmente se encontra a cidade. O texto do documento se encontra transcrito no 1º Livro de Tombo da paróquia de Nossa Senhora das Mercês em Cuité-PB, e diz o seguinte:

“Dizemos nós abaixo assinados como Erdeiros da Data de Picuí, que convimos a duação de Patrimônio do Glorioso S. Sebastião da Capela de Picuí, feita pelos erdeiros e proprietários Antônio Ferreira de Macedo e sua mulher Teresa Maria de Jesus, e sendo dividido pela maneira seguinte: pegando do Rio Picuí para o puento ... da terra, e não prejudicando nenhum erdeiro situado para o sul defereçando suas vazantes pela linha em que etão suas cercas e para o norte a cobrir a povoação. Povoação de Picuí, 16 de agosto de 1860”. Livro de Tombo. Vila de Cuité, 4 de Fevereiro de 1867.” (AGRA, 2010, p.170)

Em decorrência ao povoamento surgiram às primeiras ruas do povoado, estas sendo ligada a Capela. A primeira rua criada foi a antiga Coronel Lordão, sendo renomeada depois para Praça João Pessoa em homenagem ao ex-Presidente da Paraíba, assassinado em 1930. A segunda rua construída é a que desce da Igreja até ao Rio Picuí e passou a chamar-se Rua Ferreira de Macedo, em homenagem à família dos fundadores. A terceira rua segue em posição oposta à segunda e chama-se São Sebastião, nome que permanece até hoje.

Conforme Oliveira (1963), o coronel José Ferreira de Macedo é considerado o legítimo fundador do povoado de São Sebastião do Triumpho. Para ele, o seu pai, Antônio Ferreira de Macedo, idealizou a obra. Outro não foi se não o filho, o então, José Ferreira de Macedo, quem tudo realizou.

“Efetivamente, foi José Ferreira de Macedo quem além da promessa, teve a iniciativa da construção da capelinha, assumindo a administração da obra, até a sua conclusão, para o que teve de angariar auxílios entre os habitantes da localidade. A primeira casa residencial foi por ele construída, no alinhamento do novo povoado. E, aí, instalou o primeiro estabelecimento comercial, chamado “A casa Grande”. Ocupou o cargo de fiscal e conseguiu trazer para o povoado o primeiro mestre-escola, o primeiro costureiro de roupas masculinas e o primeiro mestre de música. Dizem até que foi êle quem sugeriu o acréscimo de TRIUNFO ao nome de São Sebastião.” (OLIVEIRA, 1963, p.25).

Nas palavras de Oliveira (1963), José Ferreira de Macedo era: “homem probo, corajoso e honesto, de muito prestígio e força moral para o seu povo, dominou esta vasta região conquistada por seu pai, que ia até as fronteiras do Rio Grande do Norte” (p.25).

A Freguesia de São Sebastião foi criada pela lei provincial n° 440, de 18 de Dezembro de 1871, como integrante do município de Cuité, e pela Lei Provincial n° 597, de 26 de novembro de 1874, foi criado o distrito de paz da povoação de São Sebastião do Triunfo. Com o passar dos anos, as pessoas deixaram de usar o nome do povoado de "São Sebastião do Triunfo", e passaram a chama-lo simplesmente de "Triunfo", nome substituído por Picuhy, em 27 de novembro de 1888 pela Lei Provincial n.º 876, quando a povoação foi elevada a categoria de Vila (OLIVEIRA, 1963).

Ainda, segundo Oliveira (1963), o município de Picuhy foi criado pelo Decreto n° 323, de 27 de Fevereiro de 1902, e instalando-se em nove de Março do mesmo ano. Contudo, para ele, Picuí apenas é elevada definitivamente a categoria de Cidade em decorrência da lei estadual de n°599, em 18 de Março de 1924.

No entanto, foi nos informado pelo advogado picuiense, Udenilson Silveira, que houve uma reunião para analisar a data de Emancipação Política do Município de Picuí - PB, no dia 04 de Fevereiro de 2015, no Gabinete do Prefeito da Prefeitura Municipal de Picuí, com vários representantes da cidade, incluindo o prefeito, vereadores, secretários e advogados. Todos participaram com as mais diversas falas sobre a confusão histórica da data de emancipação política de Picuí, que variavam entre as datas 09 e 18 de março, e os anos 1902,1904 e 1924 <sup>6</sup>.

O advogado Udenilson S. Silveira, que participou da reunião, explicou como encontrou vários documentos históricos da cidade de Picuí e ateve-se a analisar os decretos e leis do início do século XX, destacando como importante o ano de 1904. Para esclarecer a sua explanação, o mesmo distribuiu e apresentou cópias de três publicações do jornal do Correio

---

<sup>6</sup> De acordo com o Advogado Udenilson Silveira (2022), desde 1998 a emancipação política de Picuí teria sido transferida do dia 09 para o dia 18 de Março com a criação da lei municipal de n° 965, de 21 de janeiro de 1998, que cria o feriado municipal. Esta lei municipal é criada com base na Lei estadual de n°599 de 18 de Março de 1924, que elevou a cidade Picuí ao patamar de Cidade. Porém, segundo o advogado, hoje não se pensa em um município em que sua sede não seja em uma cidade. Mas no ordenamento legislativo do início do século XIX, isto era possível. No entanto, a data de 18 de março de 1924 foi apenas uma mudança de status de Villa para cidade, pois desde 1904 e, notadamente o ano de 1905, Picuí já era cidade, pois passou a ter um Prefeito: O Coronel Manuel Lucas de Macêdo.

oficial, que de acordo com a cópia da Ata da Reunião da análise da data de Emancipação Política do Município de Picuí – PB (2015) estão transcritos a seguir:

- Edição de 3 de março de 1904 do CORREIO OFFICIAL do Estado da Parahyba do Norte, que publica o Decreto nº 232, de 27 de Fevereiro de 1904, que Cria o Município do Picuhy, desmembrando do Termo e Município de Cuité; - **Edição do dia 2 de Junho de 1904 do CORREIO OFFICIAL do Estado da Parahyba do Norte que publica Acta da Instalação do Município e termo jurídico da Villa do Picuhy, da Comarca da Borburema do Estado da Parahyba ocorrido no dia 9 de Março de 1904;** - Edição de 10 de Novembro de 1904, do CORREIO OFFICIAL do Estado da Parahyba do Norte, que publica a Lei Provincial nº 212, de 29 de Outubro de 1904, que transfere a Comarca de Borburema para a Villa de Picuhy, cuja sede será nesta mesma Villa e Constará de um só termo e um só município. Por esta lei foi transferida a sede do município de Cuité para Picuí. (PODER EXECUTIVO DO MUNICÍPIO, 2015, p.1, grifo nosso).

Depois do debate e apresentadas às fontes históricas, o Prefeito colocou para aprovação e por unanimidade foi aprovada como a data correta da Emancipação Política de Picuí, o dia 09 de março de 1904. Data a ser comemorada como feriado municipal, a partir de 2015, quando a Lei Municipal foi aprovada na Câmara Municipal de Picuí.

E, porque a denominação “Picuí”? Agra (2014), explica, que de acordo Abílio César de Oliveira, uma cacimba havia sido cavada na Fazenda de Lázaro José Estrela, na confluência dos rios das Várzeas e Pedro e que, nos períodos de estiagem, abastecia os moradores das proximidades. Essa cacimba era bastante frequentada por uma espécie de ave columbiforme, conhecida como rolinha “pucuhy” e em suas águas saciavam a sede. Por esta razão, o local passou a ser chamado “Pucuhy”. Posteriormente o nome foi mudado para Picuhy, uma palavra composta, unindo Pico (da serra Malacacheta) ao ípsilon (Y), forma da confluência dos dois rios que cortam a cidade. Com a reforma ortográfica de 1943, o nome passou a ser escrito “Picuí”.

A Família Macedo, como já apresentado, é considerada fundadora do município, sendo figuras de destaque na história do lugar. Oliveira (1963), após dar ênfase a José Ferreira de Macedo, como o legítimo fundador do Povoado, trata-se em seguida a apresentar o filho deste, o então Coronel Manoel Lucas de Macedo.

Cel. Manoel Lucas foi chefe político do município de Picuí de 1890 até 1919, ano que faleceu, no seu sobrado de azulejos, que ainda existe na Praça João Pessoa, sob nº15. Foi ainda o primeiro prefeito eleito no município de Picuí em 1904, destacado por Oliveira (1963), como um dos mais energéticos, inteligentes e arrogantes de quantos tem surgido na



região. De uma lógica admirável e uma força de vontade inabalável, um bravo com coragem de enfrentar os maiores perigos para a realização dos seus planos administrativos.

Outra figura de destaque da família Macedo na história da cidade é o Cel. Antônio Xavier de Macedo. Foi chefe político de Picuí, Prefeito, Presidente da Câmara e Presidente do Diretório do Partido Social democrático, foi considerado um homem nobre e humanitário, sendo bastante prestigiado pela população local. O Cel Antônio Xavier de Macedo descende pelo lado paterno de Vicente Ferreira de Macedo<sup>7</sup>.

No livro de Oliveira (1963), é ainda eleito um herói para a cidade, e este é o Sargento Silvino de Macedo, proveniente também da Família Macedo. Segundo suas palavras: “O povo de Picuí homenageando a memória do seu herói, deu a umas das ruas da cidade o nome do Sargento Silvino de Macedo (p.83).” Precisamente no capítulo XII, intitulado de “Lendas e Fatos”, o mesmo se atém a contar a narrativa de vida do considerado herói picuiense.

Segundo os relatos colhidos por Oliveira (1963), Silvino seria filho de Benta Maria da Conceição, uma escrava do Cel. José Ferreira de Macedo. Esta teria mantido uma “amizade” bastante íntima com José Luciano de Macedo, filho do fazendeiro Cel. Manuel Nunes de Macedo. Dessa união ilícita, teria nascido em Picuí, no dia 14 de Agosto de 1871 na casa nº 9, em um sobradinho, ainda existente na cidade, localizado na Rua Praça João Pessoa, uma criança do sexo masculino. Segundo o memorialista essa criança recebeu na pia batismal, o nome de Silvino, pois teria sido batizado na capela local a pedido de sua mãe Benta.

Oliveira (1963) continua a narrar à história de Silvino, apresentando informações de como o mesmo chegou ao Recife, e foi matriculado à Escola de Aprendizes Marinheiros, seguindo, depois, para o exército no Rio de Janeiro quando participou da revolta armada chefiada por Custódio de Melo contra o Presidente da República, o Marechal Floriano Peixoto. Logo depois, Silvino teria sido preso no Recife e em seguida fuzilado por ordem vinda do Rio de Janeiro, pelo próprio Floriano. Em seu relato, Abílio destaca a bravura do picuiense até na hora da morte, pois antes que as balas chegassem ao seu peito, ele mesmo teria dado o comando aos soldados para o seu próprio fuzilamento.

---

<sup>7</sup> Vicente Ferreira de Macedo é irmão de Antônio Ferreira de Macedo (MEDEIROS, 2021).

Tendo em vista a criação do personagem como herói, seja local ou nacional, o memorialista, também valoriza a história de sua terra natal ao enfatizar em sua escrita um Picuiense associado à luta pela defesa da nação.

Contudo, não devemos deixar de considerar que Oliveira (1963) traça uma história marcadamente por nomes de “heróis” e personagens que possuíam prestígio perante o povoado e posteriormente cidade. Não foram registrados em seus escritos nomes de agricultores, trabalhadores de modo geral, que construíram também aqui suas famílias, mesmo que fossem em terras particulares, mas que de alguma forma também contribuíram para a construção do povoado.

No entanto, existe o reconhecimento de que os esforços da Família Macedo, fez florescer o início e o crescimento do povoado. E assim são atribuídos aos atos e personalidades dos seus descendentes valores dos mais elogiáveis, e em forma de homenagem seus nomes são utilizados em nomeação de praças públicas, ruas, avenidas e prédios públicos.

Como vimos Silvino de Macedo, o herói picuiense, na obra de Oliveira (1963), é também proveniente desta família, onde analisaremos com mais detalhes nos capítulos seguintes.

### 3 A CONSTRUÇÃO DO HERÓI PICUIENSE

A historiografia do século XIX surgiu com uma tendência na criação de histórias que antes não eram registradas, como podemos ver a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, que respondeu à lógica do contexto de emancipação política do país, norteando a tarefa primeira de criar uma história para a nação (MONTEIRO, 2016).

A independência política do Brasil estabeleceu um novo Estado com limites territoriais, com poderes, constituição, sistema militar, sistema educativo, bem como uma nação brasileira que não existia antes de 1822. No entanto, apesar de apresentar todos esses aspectos, uma nação para ser tal, precisava agregar um sentimento de pertencimento das pessoas ao lugar. Não bastava ter apenas a nação, era necessário criar uma identidade nacional (NOVAIS, 2020).

O IHGB surgiu seguindo essa linha das emancipações, com o desejo de narrar este caminho, registrando os fatos, elencando os episódios considerados como principais e os personagens envolvidos no processo de formação do país:

O IHGB vinha para satisfazer os critérios de uma vertente historiográfica eminentemente brasileira — formada não apenas por brasilienses, mas também por portugueses que assumiram a nova nacionalidade —, cujo papel consistia em explicar a questão nacional, superando a narrativa das academias coloniais. Impulsionados pela tarefa de forjar uma nacionalidade, construindo a história da nação, divulgando-a e solidificando-a nas gerações futuras. (MONTEIRO, 2016, p. 24–25).

A produção de biografias de varões ilustres por letras, armas e virtudes fazia parte do programa histórico do IHGB, a História Geral do Brasil produzida por Varnhagem é o retrato desse programa. Ele procurou fixar os nomes daqueles que deveriam ser lembrados pelos seus feitos de heroísmo e bravura. Pois, para Varnhagem, aqueles que contribuíram para a construção do Estado nacional brasileiro constituíram um modelo digno de exemplo a ser imitado. Celebrar eles seriam uma estratégia discursiva para cultuar os valores e sentimentos de seu tempo.

Assim a História Geral do Brasil é construída, como o resultado da ação de homens brancos, cristãos e defensores do Estado monárquico. Foram Martim Afonso, Tomé de Souza e outros tantos heróis portugueses que concentraram em suas mãos os rumos da história, sendo predestinados a desvendar e civilizar o mundo desconhecido.

O intuito na escrita de Vanhargem era garantir uma identidade nacional que enfatizasse a unidade, camuflando todos os conflitos, diferenças, costumes e variedades culturais.

No início do século XX com a República já proclamada teve o país a necessidade de criar novos fundamentos políticos. Agora era preciso criar um projeto identitário para o país que servisse para garantir e legitimar o novo regime instaurado.

O IHGB, que era financiado em grande parte pelo Imperador D. Pedro II, entrou em crise e, para manter-se, retomou o projeto da construção da história nacional a partir das histórias locais e regionais. O projeto de Martius para escrever a história do Brasil poderia agora ser montado pelos institutos locais, que seriam abertos em todas as províncias, acompanhando o que já havia sido feito em Pernambuco (1862), Alagoas (1869) e Ceará (1887), que criaram seus próprios institutos, com o objetivo de produzir sua historiografia (MONTEIRO; SANTANA, 2020).

As questões relacionadas à identidade, raça, nação e progresso são amplamente debatidas e começam a adquirir novos significados, sustentados pelos pressupostos liberais, evolucionistas, cientificistas e positivistas. A partir dessas ideias que permeavam os espaços sociais da época, os intelectuais se concentraram em considerar esse novo projeto político, focando nas questões que envolviam a construção da identidade nacional. O maior interesse era transformar os vastos grupos díspares que formavam o Brasil em uma população “unida” e “ordeira”.

A construção de uma história ou memória nacional nunca parte de uma folha em branco, arbitrária ou ingênua, ela é resultado de negociações e apropriações das tradições (GOMES, 1996 apud CALVACANTI, 2016). A história do Brasil é formada por uma nova cultura histórica, partindo agora de premissas republicanas, que precisou readequar os heróis, eventos, monumentos, bandeira, hino e comemorações cívicas, de modo a legitimar a República.

Segundo Monteiro e Santana (2020), o projeto paraibano, o então Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, surgiu em 1905, sob o mesmo modelo do congênere nacional, com sócios de renome, ocupando os cargos locais da república. Sem formação diplomática, nomes de destaque em suas localidades, destinaram-se à missão de construir a história local. Sem

nenhuma formação enquanto historiadores<sup>8</sup>, jornalistas, professores, advogados, clérigos, médicos, juízes e promotores, se destinaram a um só objetivo: a formação de uma história paraibana.

Assim é exposto o caráter elitista e conservador que se fazia presente na indicação da construção da narrativa nacional e não fugiu à regra nos institutos locais. Haveria então por trás dessa história produzida uma elite letrada que tinha acessos aos mais diversos meios para a produção da escrita.

Consequentemente, ao propor criar uma história para o país, cada instituto histórico espalhado pelo Brasil, buscou legitimar o Estado que representava, valorizando certos personagens e eventos históricos que correspondessem a sua história. Como resultado, surgiram debates simbólicos entre as instituições históricas com o objetivo de colocar seus ícones no panteão da história oficial do país (CAVALCANTI, 2016).

Silvino de Macedo é reflexo deste contexto de formação de heróis para a construção das identidades locais. Tendo em vista que, Silvino, já era considerado herói Pernambucano na monografia do Vicente Ferrer de B.W Araújo publicada em Pernambuco em 1904, e no ano de 1929 é reafirmado o seu heroísmo e sua naturalidade pernambucana na narrativa do jornalista e escritor Mario Melo. No entanto, onze anos depois, precisamente em 1941, Silvino é reconhecido herói Picuiense e Paraibano.

Nas seções seguintes discutiremos o embate pela origem do herói buscando compreender como foi construído o herói Picuiense na história de Picuí.

### 3.1 O embate pela origem do Herói

O embate que iremos discorrer ocorreu no contexto dos anos 40, exatamente no período, em que, o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), investiu em uma série de medidas no intuito de construir um conjunto de exemplos e valores pensados para constituir os novos cidadãos, ou seja, de acordo com os ideais do seu regime, a saber, patriotismo, nacionalismo, obediência à ordem e sacrifício pelo Brasil. Em que, isso seria

---

<sup>8</sup> É importante destacar que os primeiros cursos de ensino superior em História datam da década de 1930, e na Paraíba só vem ocorrer depois dos anos de 1949. Antes disso não é possível encontrar nenhum historiador de formação aqui (MONTEIRO, 2020).

possível pelos usos políticos do passado e pela construção de uma memória histórica (FRAGA, 2012).

No entanto, não podemos deixar de reconhecer, como debatido no início deste capítulo, que períodos anteriores, foram importantes para a construção de uma cultura histórica brasileira e para a elaboração de um panteão de heróis. Portanto, não seria algo novo, mas reinventado.

Ações de valorização de um passado histórico brasileiro, lideradas, entre outros meios, entre construção de estátuas e celebração de datas cívicas e heróis, já vieram de outros períodos, mas, conforme Fraga (2012), “ganharam muito mais intensidade e, principalmente, valor político dentro de um projeto iniciado em 1930, quando acabaram, muitas vezes, reinventadas.” (p.16).

Foi dentro deste contexto do primeiro governo de Vargas de buscar heróis do passado como exemplos para o presente, que a figura de Silvino de Macedo, como “O Mártir da Imbiribeira<sup>9</sup>”, foi reconhecido herói Picuiense.

Tudo começou, quando, o jovem picuiense Felipe Tiago Gomes se mudou para o Recife no ano de 1941 para iniciar os estudos no pré-jurídico nesta cidade. Já em Recife, foi convidado por um colega, para morar na Casa do Estudante, onde também passou a trabalhar, primeiro, como porteiro, e logo em seguida como bibliotecário. A biblioteca lhe proporcionou acesso a diversas obras literárias; incluindo a crônica histórica de autoria do jornalista e escritor Mário Melo, intitulada “A Lúgubre Mangueira”, publicada em Setembro de 1929, na Revista criminal do Recife.

Esta crônica conta “As últimas horas de Silvino Macedo”, um sargento do exército, que por se opor ao governo inconstitucional do Marechal Floriano Peixoto, foi fuzilado em 1894, na Imbiribeira no Recife.

Segundo a referida crônica, a renúncia em 1891 do Marechal Deodoro da Fonseca fez Floriano Peixoto assumir a presidência da República com o intuito de completar todo o tempo

---

<sup>9</sup> Nome do local, aonde Silvino teria sido fuzilado em 14 de Janeiro de 1894 no Recife. De acordo com Vainsencher (2005), recebeu o nome de Imbiribeira o lugar de Motocolombó no extremo sul da povoação de Afogados, até as confrontações de Boa Viagem, tendo por limite, a oeste, a estrada de rodagem. Em um terreno desta propriedade, doado pelo coronel Manuel Tomás de Albuquerque Maranhão, foi construído um paiol de pólvora, envolto por uma alta muralha de alvenaria; uma casa para a guarda; e outra, anexa, como residência do oficial-comandante. E foi neste local que ocorreram algumas execuções da Revolta Armada que entraram para a história, inclusive a do Sargento Silvino de Macedo.

de mandado de Deodoro. Desta forma, Floriano contrariava a Constituição de 1891, a qual determinava que se a presidência ficasse vaga durante os dois primeiros anos de governo, novas eleições deveriam ser realizadas. Esta medida, porém, dividiu a opinião pública, e houve quem apoiasse Floriano até o fanatismo e os que o combateram sem tréguas, era neste último lado que se encontrava o Sargento Silvino de Macedo.

Em sua crônica, Melo (1929) conta que na manhã do dia 13 de Janeiro de 1894, Silvino depois de ter se envolvido em revoltas no Rio de Janeiro contra o governo de Floriano, teria vindo ao Recife, desembarcando da embarcação “wordsworth” na antiga lingueta no Recife.

No entanto, neste período, Pernambuco estava “infestado” de soldados do Batalhão Tiradentes<sup>10</sup>, incumbidos na tarefa de combater e identificar os revoltosos contrários ao governo de Floriano. Dessa forma, Silvino logo que desembarcou foi reconhecido por um soldado desse Batalhão, sendo em seguida preso, interrogado e condenado ao fuzilamento por ordem do próprio Floriano.

A sua condenação teria sido em favor da sua identificação como comandante do navio Guanabara, na revolta de Custódio de Melo, no Rio de Janeiro em Setembro de 1893 (MELO, 1929).

Como podemos ver as cópias dos ofícios transcritos abaixo:

Commando do 2º districto militar. Quartel general de Pernambuco, em 13 de Janeiro de 1894-- Sr.major Manuel Nonato Neves de Seixas, d. commandante do 2º batalhão de infantaria- Tendo hoje sido preso nesta cidade o criminoso ex sargento do exercito Silvino de Macedo, que tomou parte muito activa e saliente na revolta de parte da esquadra nacional causando por seu lado a morte de muitos brasileiros, dei sciencia da mesma prisão promptamente, por meio de telegrama, ao marechal Floriano Peixoto, vice-presidente desta republica. Tendo neste momento, onze horas da noite, recebido não só contestação ao mesmo telegramma, como ordem do chefe da nação para incontinenti fusilar, sem a menor formalidade, ao mesmo ex-sargento Silvino, determino-vos por isso que designeis um official e vinte praças do vosso batalhão sob o vosso comando, a fim de darem cumprimento à referida ordem, junto ao paiol da Imbiribeira, às 4 horas da madrugada de amanhã, devendo o corpo ser enterrado em lugar afastado, dando de tudo sciencia a este comando, a fim de transmitir aquella autoridade. Saude e fraternidade –*João Vicente Leite de Castro, General de Brigada.* (SILVINO DE MACEDO, JORNAL A PROVÍNCIA, RECIFE, 26 DE AGOSTO DE 1905 Apud MELO, 1929, p.13).

---

<sup>10</sup> Durante a Revolta da Armada, ao final de 1893, formou-se o Batalhão Tiradentes, de caráter florianista e jacobino (CARVALHO, 1990). Este batalhão tinha a tarefa de investigar e denunciar supostos envolvidos em revoltas contra o governo de Floriano Peixoto.

Em 14 de Janeiro de 1894 foi cumprida a ordem do fuzilamento de Silvino. Manuel Bellerophonne, comandante designado para a operação, escreveu para o comandante do 2º Batalhão de Infantaria, Manoel Seixas, sobre a execução:

Em cumprimento a portaria do cidadão major commandante do 2º Batalhão de Infantaria, datada de hoje, tenho a declara que às 2:30h da madrugada assumi o commando de uma força de 20 praças e um inferior. Com fim de conduzir por ordem o general de brigada commandante do 2º districto militar, para o paiol da polvora da Imbiribeira e ahi fuzilar o ex sargento Silvino de Macedo, que na revolta da esquadra rebelde capitaneada pelos traidores e escravos da monarchia, ex-contra almirantes Custódio e Saldanha, tem perseguido, destruindo, matando, ferindo, ruindo prédios e derramando sem piedade o precioso sangue de nossos irmãos de Nictheroye da Capital Federal a QUEM FELICITO (sic) por terem ficado livres do dito ex sargento commandante do cruzador Guanabara e arvorado em official pelos dois ex ALMIRANTES LACAIOS dos Orleans e Bragantinos, ineptos desencavadores de dynastias pultrefactas: por ter às 5 horas da manhã de hoje sido fuzilado no logar acima declarado em cumprimento das ordens superiores; assistindo a esse acto não só a força que commandava, mais a que alli se achava destacada e bem assim o commandante do dito deposito. Quartel das cinco pontas, em 14 de Janeiro de 1894 –*Manuel Bellerophonte de Lima, alferes.* (SILVINO DE MACEDO, JORNAL A PROVÍNCIA, RECIFE, 26 DE AGOSTO DE 1905 Apud ARAÚJO, 1904).

Após a apresentação dos ofícios, Melo (1929), no prosseguir da sua crônica identifica Silvino de Macedo como pernambucano.

Silvino de Macêdo, pernambucano, foi aprendiz marinho de 1882 a 1884. Depois, alistou-se no exército, onde, em 1892, como sargento, obteve licença para matricular-se na Escola superior de guerra. Como sargento, dirigiu a revolta da Fortalesa de Santa Cruz, foi por este perdoado em homenagem ao seu valor e, mais tarde, anistiado. Aderiu á revolta de Custódio e foi comandante do vaso de guerra *Guanabara*, com a graduação de guarda-marinha (MELO, 1929, p.12).

No momento em que o picuiense Felipe Tiago Gomes, teve acesso a esta crônica, logo percebeu o engano sobre a naturalidade de Silvino Macedo. Conhecedor da história, como também, contando com testemunhas, que teriam convivido com Silvino quando criança em Picuí; decidiu desafiar o famoso jornalista e escritor Mario Melo. Segundo Pinheiro (2013), o destino teria levado para a capital pernambucana, o jovem Picuiense que conhecia os passos de Silvino de Macedo, e do engano histórico cometido por Mario Melo em sua crônica. “Este jovem era o nosso admirável Felipe Tiago Gomes, que já era naquele tempo um orgulho de nossa terra, pela sua inteligência e trajetória impecável no mundo acadêmico” (p.2).

Felipe Tiago Gomes afirmou em carta aberta publicada no Jornal Pequeno do Recife em junho de 1941, que Mario Melo tinha se enganado quanto à naturalidade do “herói pernambucano” que, na verdade, era paraibano e picuiense. Como podemos ver na figura abaixo



Figura 1: Carta aberta: “O Sr. Mario Melo enganou-se”.



Fonte: Jornal Pequeno, Recife, 28 de Junho de 1941, nº144, p.3.

Como podemos ver na figura, Felipe Tiago Gomes, compara o Sargento Silvano de Macedo ao então ex-presidente<sup>11</sup> da Paraíba João Pessoa, assassinado no Recife em Julho de 1930. Faz referência ao orgulho que a Paraíba tinha de ser mãe do grande Presidente do estado, mas que ainda não reconhecera Silvano, que era outro herói paraibano morto em terras pernambucanas.

Esta comparação que Felipe Tiago Gomes faz acima, para justificar o pedido de reconhecimento de Silvano como também herói do estado da Paraíba, é importante para percebermos como são construídos os heróis.

<sup>11</sup> Na Paraíba, o título era de presidente.

Campbell (2007) categoriza o personagem do "herói" ou "vilão" de acordo com os critérios de consenso, dependendo do grupo ao qual pertence, não apenas de seus ideais. O personagem se torna herói, se suas habilidades forem usadas de acordo com os critérios que o grupo considera um herói. Dito isso, ele pode ter os talentos necessários, mas precisa de oportunidade e, sobretudo, aceitar um determinado desafio para atender a esses critérios e ser eleito herói.

Campbell (2007), também define como a principal característica do herói, a responsabilidade que ele tem de sacrificar sua própria vida em nome do bem-estar comum. O confronto com a morte é constante deste arquétipo. A morte pode ser física ou simbólica, mas está presente sempre. Segundo o autor na maioria dos casos, o herói enfrenta a morte e triunfa sobre ela; mas quando este morre, torna-se mártir permanecendo vitorioso.

Dessa forma, podemos perceber que foram reunidos em Silvino os atributos necessários para atender um determinado problema de anseio coletivo e assim como ex-governador João Pessoa, Silvino é considerado herói, por ser protagonista de uma obra dramática em prol de um coletivo.

Silvino é referenciado por Felipe Tiago Gomes (1941), como outro grande herói paraibano que “ensopou” com o seu sangue a terra pernambucana. Descreve Silvino como um super-homem, que enfrentou sereno a morte mandando que lhe atirassem direto no coração. Dessa forma, assim como João Pessoa, Silvino, tornava-se Mártir por um ideal, um herói vitorioso por ter tido a coragem de enfrentar a morte e morrer por um ideal.

De acordo com Gomes (1941), Silvino era seu conterrâneo e possuía todas as características necessárias para ser considerado herói paraibano apenas precisava do reconhecimento do seu Estado, pois Silvino não era Pernambucano e poderia provar através de depoimentos dos seus conterrâneos em Picuí.

No entanto, o jornalista Mario Melo não demorou a responder a Felipe Tiago Gomes, considerando escandaloso o artigo, pois segundo o jornalista, as provas apresentadas não eram suficientes para afirma à naturalidade paraibana do herói.

Assim, como resposta, este exigiu que Felipe Tiago Gomes fosse à igreja de Afogados em Recife para ver a lousa do Jazido dos fuzilados da Imbiribeira inaugurada em 1901, em que estava inscrito o nome e a naturalidade Pernambucana de Silvino. Também referenciou a obra do pernambucano Vicente Ferrer de B. W. Araújo (1904), que aborda a execução de

Silvino de Macedo, em que, este também teria considerado Silvino como herói Pernambucano.

Porém, Felipe Tiago Gomes, não aceitou e continuou a escrever para o Jornal Pequeno discordando de Mario Melo e para comprovar sua alegação, apresentou cartas recebidas do picuiense Francisco Eduardo Macedo<sup>12</sup>, que morava em Picuí, era secretário da prefeitura, e ainda parente de Silvino.

A primeira carta do Sr. Francisco Eduardo de Macedo enviada em forma de resposta a Felipe Tiago Gomes sobre a naturalidade do herói, nos chama atenção. Começa com as seguintes palavras:

“Acuso o recebimento de sua prezada carta, onde trata de um assunto verdadeiramente palpitante para nós picuienses que, por sermos humildes demais, nunca temos direito a nada, nem mesmo o de contar na lista dos seus conterrâneos o nome de um simples bravo. É o caso do sargento Silvino de Macedo”. (GOMES, 1941, apud GOMES, 1984, p.22).

Nesta primeira carta enviada a Felipe Tiago Gomes, percebemos que Silvino ainda não era tratado por Eduardo como um herói, mas um “simples bravo” picuiense. Segundo Campbell (2007), para um personagem se transformar em herói em um lugar, o mesmo precisa percorrer uma saga, com momentos bem definitivos. Esta saga atua como um elemento central em todos os mitos heróicos. Podendo ser descrita da seguinte forma: nascimento em ambiente humilde, afastamento de mundo, penetração em uma fonte de poder e retorno.

A aventura do herói começa quando o destino o chama e o transfere para uma região do mundo diferente da sociedade em que vive. Em que, a princípio, o herói tende a recusar a convocação devido aos seus interesses próprios, mas no lugar mítico encontra uma figura protetora que o aconselha a seguir seu próprio destino. De acordo com Campbell (2007), é seguindo esta saga, que uma pessoa comum se torna uma pessoa superior na história. No entanto, apesar de ser universal, é realizada de acordo com o imaginário de cada cultura.

Posteriormente, foram enviadas mais cartas com depoimentos de picuienses a Felipe Tiago Gomes, pessoas que conheceram Silvino em Picuí e seriam até parentes do mesmo,

---

<sup>12</sup> Eduardo de Macedo era considerado uma figura honrosa e de alta cultura, neto de Sebastião José Pereira de Macedo, que foi o fundador da fazenda Várzea da Cruz, ao norte da cidade (OLIVEIRA, 1963).

para fins de comprovação da origem paraibana do herói, e assim através destas sucessivas cartas é descrita toda a trajetória (saga) de Silvino que o transforma em herói.

Primeiro é descrito a origem humilde de Silvino, em que o mesmo seria fruto de uma união ilícita, entre uma escrava de nome Benta Maria de Conceição e o filho de um fazendeiro da região, de nome José Luciano de Macedo. Logo em seguida detalhes sobre sua infância, e da sua retirada para o Recife, como a sua entrada na Escola de Aprendizes Marinheiros por intermédio do seu pai.

Sabe-se, por informações seguras de gente de fé, como Francisco Ferreira de Macedo, Antonio Xavier de Macedo (parentes de Silvino), Galdino Otilio Pinheiro, contemporâneo, mais ou menos da mesma idade de Silvino, com quem brincara muito, e de outras pessoas daqui da terra, que Silvino era filho natural de José de Macedo e Benta Maria da Conceição (u'a mulata que muita gente conhecia aqui) e teria nascido na casa nº "sobradinho", a antiga Rua do Coronel Lordão, hoje Praça João Pessoa, nesta cidade, local onde Benta, mãe de Silvino, morreu há vários anos (GOMES, 1984, p.30).

E continua:

Tinha como irmãos Manuel e Manuela, que o acompanharam para o Recife pelo ano de 1880, levados por João Azevedo, vulgo João Papagaio, de ordens de José de Macêdo, **seu pai**, nesta época já residindo nesta Capital (...). Pouco depois de sua chegada, entrou para a Marinha, ingressando na Escola de Aprendizes Marinheiros de Pernambuco (...), mas tarde, verificou praça nas fileiras do exercício brasileiro, com destino ao Rio, chegando ao posto de 2º Sargento. Em várias revoltas em que tomara parte, distinguiu-se pela sua desmedida bravura. (GOMES, 1984, p.31-38, grifo nosso).

No entanto, de acordo com os depoimentos trazidos a Gomes (1984), Silvino por mais que tenha recebido o perdão do Marechal Floriano Peixoto, retorna ao Recife a fim de cumprir a sua missão na Revolta de Custódio de Melo, sendo, portanto, reconhecido e condenado à morte por ordem de Floriano Peixoto.

Por meio de depoimentos dos seus conterrâneos, Gomes (1984), descreve toda a saga de Silvino, que o transforma em herói, partindo do seu nascimento e tempos de infância em Picuí, até a sua lendária morte no Recife. Silvino deixou, assim, de ser tratado como um homem comum na história de Picuí, e passou a ser tratado como o herói picuiense. Porém, Mario Melo (1929) continuou a discordar de Felipe Tiago Gomes, e requisitou provas por meios de documentos, e não depoimentos, que o herói Silvino era picuiense, e era filho de José de Macedo com Benta Maria da Conceição.

Como Felipe Tiago Gomes se encontrava ainda no Recife solicitou novamente ao secretário da prefeitura de Picuí, o Sr. Francisco Eduardo de Macedo, para que o mesmo se dirigisse a amigos locais para tentar obter o registro de batismo do herói picuiense para fins de comprovação. O Sr Francisco Eduardo de Macedo, foi à busca dos documentos, e buscou o registro nos livros de batismo da Paróquia de Cuité-PB, pois na época em que Silvino teria sido batizado, a capela de São Sebastião em Picuí fazia parte desta Paróquia. O mesmo também entrou em contato com o Escrivão da Mesa de Rendas de Itabaiana, Antônio Macedo, pois sabia que o mesmo guardava cópia de uma fotografia, em que Silvino teria dedicado e enviado para sua madrinha Tereza, que residia em Picuí e pediu para que este enviasse a Felipe Tiago Gomes para fins da causa no Recife.

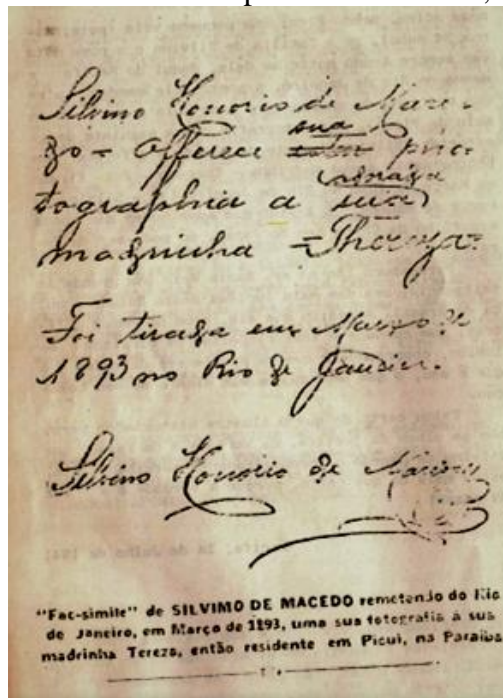
Logo que Felipe Tiago Gomes recebeu de Antônio Macedo a foto, escreveu um artigo sob o título: “A verdade é a luz da razão” ao jornalista Mario Melo, publicado no jornal Pequeno no Recife, em Julho de 1941. Neste artigo, logo apresentou a cópia da foto e a dedicatória, que recebeu de Antônio Macedo (GOMES, 1984), abaixo exposta:

**Figura 2:** Foto de Silvino de Macedo



**Fonte:** Obra de Felipe Tiago Gomes, “Silvino de Macêdo, Herói picuiense”, de 1984.

**Figura 3:** Dedicatória de Silvino para sua Madrinha, de 1893.



**Fonte:** Obra de Felipe Tiago Gomes, “Silvino de Macêdo, Herói picuiense”, de 1984.

Nesta dedicatória está escrito o seguinte texto: “*Silvino Honorio de Macedo oferece sua photographia a sua madrinha Thereza. Foi tirada em Março de 1893 no Rio de Janeiro. Silvino Honorio de Macêdo*”.

Depois desse artigo, de acordo com Gomes (1984), Mario Melo não teve mais argumentos para discordar da naturalidade do herói picuiense, o que fez Gomes entender haver ganhado o embate.

Para analisarmos o embate da origem do herói entre Melo e Gomes, não devemos deixar de levar em consideração também as influências das concepções históricas, que ainda permeavam o Brasil no século XX. Mario Melo quando traçou a narrativa histórica sobre Silvino em 1929, escreveu na linha do pensamento positivista e metódico, que ainda era marca na produção histórica brasileira, buscando por incansáveis análises das fontes históricas documentais, a “verdade”, sobre o acontecimento histórico.

Além disso, primava pela valorização de uma concepção de história voltada aos eventos políticos, de forma que deveria ser ressaltada a biografia dos considerados “grandes homens” e eventos que marcaram o curso da história de Pernambuco. Essas foram basicamente às ideias que inspiraram as práticas dos institutos históricos brasileiros, período

em que estas instituições tinham a função de construir uma nova história para o Brasil Republicano.

Como vimos, o advento da República ofereceu a cada instituição a tarefa de buscar legitimar a história de seu Estado, com o objetivo de trazer seus símbolos, personagens e acontecimentos para formação do panteão da história oficial. O IAGP<sup>13</sup> criado ainda antes da República, em 1862, prosseguiu com o mesmo objetivo de trazer visibilidade nacional a Pernambuco, agora construindo a ideia de uma tradição republicana no Estado.

Assim, a narrativa que Mario Melo traçou no ano de 1929 sobre o herói Silvino de Macedo é ainda um exemplo da perpetuação deste projeto. Pois, de acordo com Calvacanti (2016), foi a partir do ano de 1909, como sócio do IAGP, que Mario Melo atuou como secretário perpétuo por cinquenta anos, e neste tempo tornou-se conhecido, por produzir suas narrativas históricas, aderindo aos desejos do Instituto, fazendo através dos seus escritos uma verdadeira militância, na intenção de que os ícones pernambucanos ingressassem na história oficial e não fossem esquecidos.

Em 1941, Felipe Tiago Gomes também não fugiu a regra, de acordo com Ariane Duarte (2018), o embate é rememorado por pessoas em Picuí, caracterizando a preocupação de Felipe em defender a sua terra natal e frisando o seu poder de persuasão em torno de uma causa. Felipe teria se esforçado para provar a naturalidade de Silvino, pois seu único objetivo era levantar bem alto o nome da Paraíba, de sua gleba natal, como de fato fez (NEGROMONTE, 1984, apud GOMES, 1984).

Para Campbell (2007): “Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido” (p.15). Segundo Fraga (2012), o herói, no mito ou na história, possui uma função bem definida: “servir de modelo, de referência a uma dada sociedade, e, como tal, deve ser exemplo dos mais altos valores, em dado contexto” (p.49).

Percebemos, portanto, a criação constante em todos os tempos de heróis e mitos, como exemplos a serem seguidos em cada lugar. Dessa forma, no embate em questão torna-se perceptível à preocupação e importância de ter o herói para engrandecer as identidades locais.

---

<sup>13</sup> Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano.

No entanto, também, não podemos deixar de frisar, que esse embate foi importante para hoje podermos ter a chance de pesquisar e conhecer a história deste herói. Se não fosse os esforços de Felipe Tiago Gomes em fazer prova a naturalidade de Silvino como Picuiense, este seria hoje um desconhecido da história do município. E seria tratado desde sempre como pernambucano na história desde estado. Dessa forma, o embate proporcionou o conhecimento não apenas do picuienses da história de Silvino, mas também do estado da Paraíba.

### **3.1.1 A prova “irretorquível”**

A necessidade de fazer provar a naturalidade real do herói Picuiense era importante, e a razão desse dado ser importante era a identificação do herói ao lugar. Conforme Fraga (2012), a seleção de personagens a serem transformados em heróis, principalmente quando se trata de figuras históricas, exige muito cuidado e precisão, pois há limites para o sucesso de tal operação. Tais limites se estabelecem em torno da condição de o personagem escolhido para ser “heroificado” possuir ou não uma base de identificação, de credibilidade, com as características que lhe são atribuídas. Caso contrário, na ausência de uma base histórica credível, há o risco de não convencer o público, falhando por incapacidade de fornecer matéria-prima mínima para tornar crível uma determinada representação.

A fabricação de heróis evidencia os limites da intencionalidade daqueles que se dedicam a contar uma história “verdadeira” para um grupo social criando assim suas figuras exemplares, pois estas necessitam de fundamentos verossímeis, não sendo mero produto do voluntarismo e imaginação, como ocorre na literatura de ficção (FRAGA, 2012). Dessa forma, dentro daquelas circunstâncias impostas pelo jornalista Mario Melo a Felipe Tiago Gomes, a apresentação do registro de batismo de Silvino era o mínimo e ao mesmo tempo fundamental naquele contexto para firmar o herói ao lugar.

Felipe Tiago Gomes não desistiu de ir à busca do Registro de Batismo de Silvino, e o que consta, é que em 1951 o mesmo foi concedida pelo Padre Barros, atestando a naturalidade picuiense do herói. O documento foi transcrito na obra do Picuiense, Abílio César de Oliveira, publicado no ano de 1963 na cidade de Picuí, para o conhecimento de todos.

Conforme Oliveira (1963), Felipe Tiago Gomes saiu vitorioso, pois exibiu a prova irretorquível da identidade do herói picuiense, o seu Registro de Batismo, transcrito a seguir:

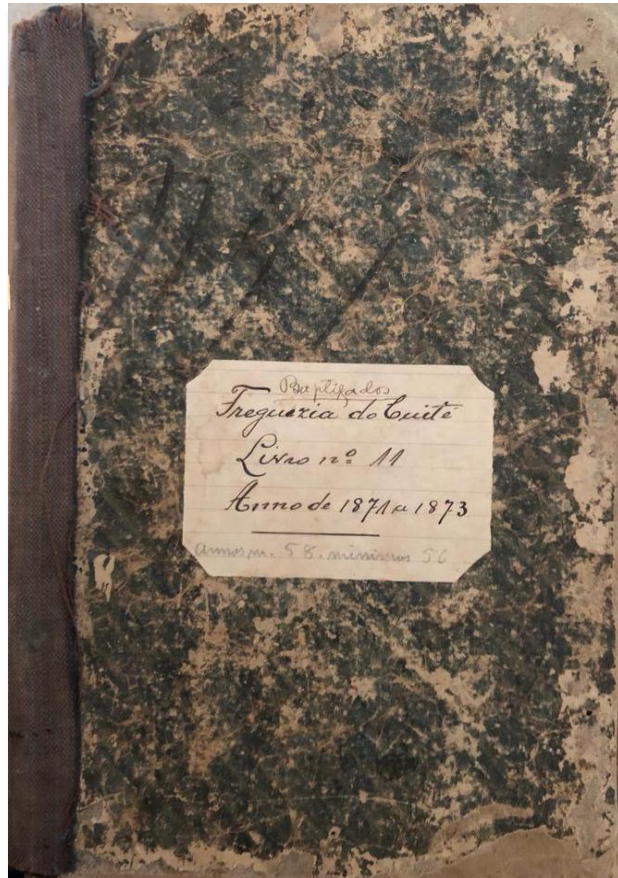
“Certifico que revendo os livros de Têrmos de Batismos realizados nesta paróquia, foi encontrado o do teor seguinte no Livro nº 11, fls. 22 do Ano de 1871; “-



SILVINO, pardo, nascido aos quatorze de Agosto de 1871, filho natural de Benta, escrava de José Ferreira de Macedo, moradores desta Freguesia, foi batizado com os Santos Óleos, na Capela de Picuí, filial desta Matriz, de minha licença pelo reverendo Antônio Maria da Purificação, moradores desta Freguesia; e para constar fiz êste assento. O Coadjutor Pró Pároco Padre José do Coração de Maria Castro". Nada mais se continha no dito termo a que me reporto, o qual foi fielmente copiado do original. ITA IN FIDE PAROCHI. Matriz de N. Senhora das Mercês, 21 de Abril de 1951. (as) Pe. José de Barros, Pároco" (OLIVEIRA, 1963, p.80).

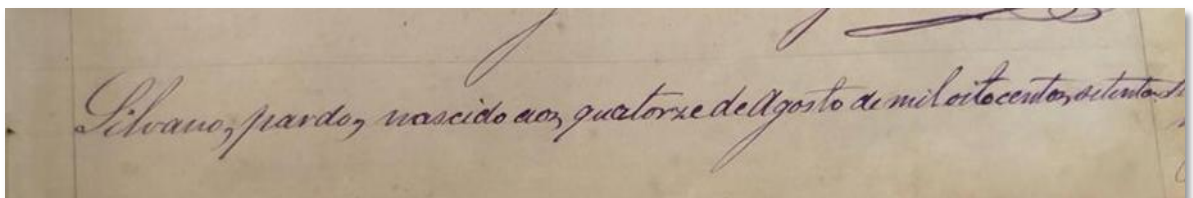
Assim, com base nos dados fornecidos pelo memorialista e com o objetivo de confirmação dos dados, fomos à busca do registro de batismo de Silvino, na igreja de Cuité-PB, que, como o memorialista nos mostra, estava no livro n.º11, fls. 22 do ano de 1871 desta Paróquia. Desta forma, encontramos o livro e a descrição seguinte:

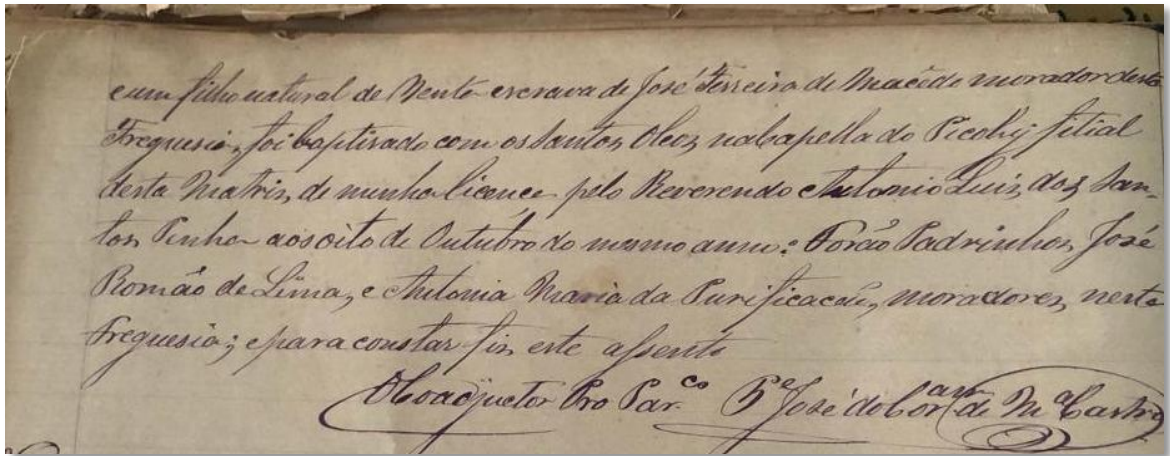
**Figura 4:** Capa do Livro de Batismos n° 11 da Freguesia de Cuité dos anos de 1871 a 1873.



Fonte: Acervo da autora

**Figura 5 e 6:** Registro de Batismo de Silvino de Macedo.





Fonte: Acervo da autora

Como podemos ler nas imagens acima, descobrimos que o nome de Silvino foi escrito como Silvano no seu registro de batismo. E que até o momento este é o único documento que encontramos como Silvano, porém, é o seu primeiro documento. Verificamos também que a etimologia destes nomes não é a mesma, mas também entendemos que eram comuns erros nos documentos. Poderia ser que a pessoa que escreveu o nome de Batismo tenha trocado no ato da escrita por Silvano, ou o informante /padrinho, no ato, tenha pronunciado o nome errado, ou não tivesse segurança da informação que estava prestando. Erros na escrita dos nomes de pessoas nos documentos eram comuns acontecer, até mesmo nos cartórios, depois de já instaurada a república.

Todavia, desde criança, Silvino era conhecido por “Silvino de Benta”, como atesta o depoimento de Eduardo de Macedo enviado a Felipe Tiago Gomes:

“Mando-lhe aqui um subsídio, em informes, que valem verdadeiros depoimentos colhidos de pessoas idôneas, velhos amigos nossos, nascidos e creados nesta terra e foram contemporâneos de Silvino, na infância já longínqua e ainda conservam a reminiscência até das peraltagens do famoso **Silvino de Benta**, como era conhecido em menino.” (GOMES, 1941, apud GOMES, 1984, p.30, grifo nosso).

Gomes (1941) também assegurou em seu artigo, intitulado, um "convite especial" enviado ao jornalista Mario Melo, que nesta época já havia um logradouro com o nome de Silvino na cidade: “Verá que numa parte da cidade lê-se Travessa Sargento Silvino de Macedo, e que a população de uma cidade inteira consagra a este nome um amor verdadeiramente fraternal” (GOMES, 1941, p.2).

Apesar disso, o que chama nossa atenção, é que se foi escrito Silvano no registro de Batismo, por qual motivo foi transcrito Silvino no livro do memorialista? Levantamos algumas suposições para entender o ocorrido.

Uma leitura paleográfica precária, algo muito comum, tanto para época como nos dias atuais. Ou poderia ser que o memorialista estivesse percebido o erro, mas teria optado por não questionar. Ou ainda ser que ele não tenha transcrito diretamente do Registro de Batismo e que a fonte lhe tenha chegado escrita daquela forma.

Porém, também não poderíamos deixar de considerar o nosso contexto histórico. No final do século XIX e início do século XX, o documento seria para a escola histórica positivista a base para os fatos históricos, mesmo que fosse resultado de uma escolha, de uma decisão do historiador, era apresentado por si mesmo como prova histórica (LE GOFF, 1990).

Para Lefebvre (1971): “Não há notícia histórica sem documentos”; e era necessário, pois, “se dos fatos históricos não foram registrados documentos, ou gravados ou escritos, aqueles fatos perderam-se” (LEFEVRE, 1971 apud LE GOFF, p.7, 1990).

Desse modo, o documento era uma fonte indispensável para a verdade histórica e conseqüentemente para a legitimação do herói picuiense. Dessa maneira, torna-se evidente a preocupação de legitimar a versão sobre o fato narrado, recorrendo à validação por meio do documento, em que, nestas circunstâncias poderia ter sido questionado.

Entretanto, ainda tendo como base os dados citados por Oliveira (1963), realizamos uma pesquisa na obra “Pelos caminhos da Família Macedo do Sertão do Paó ao Seridó<sup>14</sup>” do novo-palmeirense Eliton Medeiros (2021), e encontramos importantes dados genealógicos da família de Silvino.

Consoante à pesquisa de Medeiros (2021), encontramos o pai de Silvino, apontado pela história local pelo nome de José Luciano de Macedo, como filho do próprio Cel. José Ferreira de Macedo e não do fazendeiro Cel. Manuel Nunes de Macedo como teria escrito Oliveira (1963). Dessa forma, temos o Cel. José Ferreira de Macedo, tanto como senhor da escrava Benta como pai do próprio José Luciano de Macedo.

---

<sup>14</sup> O livro é fruto de uma década de pesquisas genealógicas em arquivos cartoriais, paróquiais e municipais, como inventários e livros de notas, escrituras de terras, nascimentos, batismo e matrimônios, óbitos e relação de votantes (MEDEIROS, 2021). A obra citada é o II volume de um total de III volumes publicados pelo autor.

Percebemos, assim, uma herança da escravidão, que foi à desvalorização e até desaparecimento do núcleo familiar dos escravos, pois o casal de escravos poderia ser separado pelos seus senhores. Além disso, na maioria das vezes, os proprietários de escravos e seus filhos eram os primeiros a dormir com suas escravas gerando filhos destas relações.

Em Picuí, temos um caso, Silvino era filho da escrava Benta com um filho do seu senhor. De acordo com Pinheiro (2016), José Luciano de Macedo teve três filhos com a escrava Benta, incluindo Silvino, mas casou-se com uma mulher branca no Recife, com quem constituiu uma família. Quando a seca de 1877 assolou a região, e o fantasma da fome rondava os seus filhos biológicos em Picuí, ele teria os mandado trazer para o Recife, mas tão somente por piedade, e nunca para reconhecê-los como filhos.

No jornal Pequeno do Recife (1935), onde é narrada a prisão e morte de Silvino, Silvino é caracterizado como filho ilegítimo:

“Silvino era filho ilegítimo de José de Macêdo, que possuía então uma fabrica de massas de tomate na rua da Aurora. Corre, que José de Macêdo, chamado no quartel pelo gal. João Vicente Leite de Castro e perguntando se era com efeito pai de Silvino, respondeu negativamente”. (Jornal Pequeno, Recife, 03 de Junho de 1935, p.3).

Na pesquisa genealógica de Medeiros (2021), também não é apresentado nome de nenhum filho de José Luciano de Macedo, apenas: “TN3<sup>15</sup> JOSÉ LUCIANO DE MACEDO (Zeca), com data provável de nascimento em 1848, pois tinha 50 anos em 1898.” (MEDEIROS, 2021, p.519).

Segundo Queiroz (2019), no Brasil, antes da Constituição da República de 1988, influenciado pela legislação do Direito Romano e pela forte moral religiosa, fez com que se distinguisse em direitos e tratamento os filhos, conforme o status social da relação parental no momento da concepção. As crianças concebidas fora do ambiente sagrado do casamento eram consideradas fruto do pecado, devendo ser tratados de maneira inferior juridicamente.

Os filhos "legítimos", nascidos dentro casamento, a tudo se concedia, com pleno direito a herança após o falecimento do pai. Entretanto, os filhos “ilegítimos” nascidos fora

---

<sup>15</sup> Terceiro filho de José Ferreira de Macedo e Trineto de Manoel Ferreira de Macedo e Rosa Maria, moradores em Pernambuco, troncos dos Ferreiras de Macedo das cidades de Picuí e Bananeiras na Paraíba. (MEDEIROS, 2021)

do casamento estavam proibidos de adquirir direitos decorrentes da paternidade, como registro com nome paterno, alimentação e herança (QUEIROZ, 2019).

Desta forma, Silvino era considerado filho ilegítimo de José Luciano de Macedo, por ter sido concebido fora do matrimônio, pois mesmo que seus pais fossem solteiros, a possibilidade de casamento entre brancos e negros eram raras pelas pressões religiosas, jurídicas e sociais da época. E para tanto, a legitimação e conseqüentemente o direito a herança, dos filhos de livres com escravas, deveria haver legitimação e alforria. Assim sem o reconhecimento paterno, Silvino não teria nenhum direito decorrente da paternidade.

### ***3.1.2 Lapidando o herói na história local***

Segundo Czarnowski (1945), nenhuma nação sem a criação de mitos, heróis, e liturgias podem fixar a consciência coletiva ou a continuidade de uma história no lugar. E que estes não são resultados de um consenso espontâneo, mas são produtos de uma fabricação controversa. Como para a comunidade de devotos, isto é, “nós”, o imaginário nos faz conduzir a um território, onde se produz uma espécie de gratidão ou reconhecimento, apresentando claramente a impressão de uma evolução qualitativa dos chamados “grandes homens” (CZARNOWSKI, 1945 apud SOUZA, 2019). E a partir dos valores universais, pode ser calculada a grandeza desses homens. Em consequência disso, “a memória dos grandes homens não sofre um fim” (FABRE 1998, p.235 apud SOUZA, 2019).

A idealização desses "grandes homens" os vincula a um novo critério de identificação: à sociedade a qual eles pertencem. Na anexação a grandes e pequenas pátrias, o “panteão de heróis”, recebe indivíduos de diversos tipos, envolvendo a rememoração dos grandes espíritos e dos grandes artistas, onde os jovens pretenderiam igualar a sua glória (FABRE, 1998 apud SOUZA, 2019).

Segundo Fabre (1998) a ideia de construção de um mito possibilita a consolidação de um sistema de crenças que trazem em si coerência; afinal, as pessoas precisam acreditar no fenômeno para reconstruir ou afirmar seus signos e possivelmente toda uma história coletiva. Para tanto, as tradições na representação simbólica do lugar, cumprem um papel fundamental, é um dos fatores instituidores do lugar, e como estamos tratando da construção de uma memória histórica, é fundamental estarmos atentos aos argumentos de Hobsbawm e Ranger (2008) sobre o aspecto inventado das tradições:

[...] O termo ‘tradição inventada’ é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez [...] (HOBSBAWM e RANGER, 2008, p.09).

E continuam:

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. [...] O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto [...]. Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social [...] (HOBSBAWM e RANGER, 2008, p.10).

Os autores esclarecem que o processo de criação do complexo simbólico e ritual é quase sempre desconhecido, visto que a invenção da tradição seria um meio formalizado e ritualizado, sempre remetendo ao passado, impondo a repetição. No entanto, em alguns casos, as tradições podem ser parte inventada e parte desenvolvida em grupos fechados ou realizadas informalmente em um determinado ambiente aberto e se perpetuarem. Além disso, ainda podem ser feitas adaptações para preservar velhos costumes em novas condições.

Os autores citam vários exemplos e variantes do tema que têm suscitado debates sobre a apropriação de objetos do passado para perpetuar o presente ou a definição de rituais que são capazes de estabelecer padrões de perpetuação.

É importante entender, no entanto, que a tradição inventada não significa dizer que esta seja falsa. “A ideia de invenção está no sentido de pensar que tudo na história foi criado, foi construído pelos homens num determinado momento, portanto, foram inventados” (ALBUQUERQUE, 2001, p.4 apud NOBREGA, 2017). Contudo, não foram inventados do nada ou no vazio, mas a partir das relações concretas entre os homens. Por inúmeras ações. O concreto só é concreto porque reúne as múltiplas determinações (MARX, 1983, apud NOBREGA, 2017).

As afirmações acima nos levam a refletir sobre quais seriam as táticas de natureza simbólica, que o capítulo da obra de Oliveira (1963) sobre a trajetória de Silvino e o livro de Felipe Tiago Gomes (1984), sob o título *Silvino de Macedo, o herói Picuiense*, tentaria “inculcar” – para utilizar uma expressão de Hobsbawm – ou identificar determinados valores do povo Picuiense em *Silvino de Macedo*.

Estas obras seriam uma tentativa de validar, difundir as ações de Silvino em torno de uma causa e/ou seria uma tentativa de firmar uma identidade picuiense através do destaque aos feitos e os traços em comum da personalidade dos considerados “grandes homens” na história do lugar? Considerados por Oliveira (1963) e Gomes (1984), como homens íntegros, corajosos e honestos, de muito prestígio e força moral em prol do seu povo desde a fundação do lugar.

Kaufmann (2005) é referência para pensarmos sobre a construção da identidade como uma “invenção de si mesmo” (p. 253), projeto sociobiográfico longo e aberto em torno do qual os sujeitos humanos projetam-se e agem para dar sentido às suas vidas. Nessa perspectiva, a identidade é definida pela “capacidade de criação subjetiva do sujeito” (p.80), na medida em que o posicionamos socialmente como ator e autor da história humana e da história da sua “verdadeira vida” (Ibidem, p. 143).

No entanto, essa produção de “si mesmo” não se dá por autonomia absoluta, mas se instala dentro de um campo de possibilidades. Como Kaufman (2005) coloca, “um si mesmo possível” porque a invenção é “proporcional aos recursos culturais” (p. 184). Nesse sentido, não podemos separar os indivíduos dos seus contextos e interdependências (ELIAS apud KAUFMANN, 2005, p. 105).

Através das narrativas, percebemos que foram reunidos determinadas características em Silvino, que foram herdadas e estabelecidas a outros picuienses que se situaram no território da cidade desde a sua formação, assim a história local fornece características comuns como referência aos picuienses.

A intenção era engrandecer homens que sempre demonstram coragem, valentia e integridade desde sempre na história da cidade, para fortalecer a ideia de uma cidade promissora, enraizando essa identidade, que exalta os grandes nomes, heróis locais, assim como acontecimentos de relevância tanto nacional como internacional em relação direta ao lugar. Quando por exemplo, Oliveira (1963), afirma que Picuí é conhecida em toda parte do

mundo, não apenas nacionalmente, mas também nos Estados Unidos, em relação a suas jazidas, que produziram minérios que contribuíram para a vitória dos Aliados, na Segunda Guerra Mundial.

Dessa forma, podemos também encontrar aspectos da construção das tradições caracterizada por Hobsbawm e Ranger (1997)<sup>16</sup>. Estas narrativas estabelecem tradição para definir condições de identificação da comunidade, pois criam aspectos de identificação ao povo picuiense. Como também tradições que estabelecem e legítima o status de uma determinada família, no caso de Picuí, a família Macedo, quando se refere aos grandes homens, provenientes desta família, considerada a fundadora da cidade.

Entretanto, as tradições do tipo C, “cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento” (HOBBSAWM; RANGER, 2008, p.17), se aproximam mais do que pretendemos estudar, pois procuramos investigar quais são os valores instituídos para Silvino de Macedo, que contribuíram para instaurar uma identidade comum aos considerados grandes homens do lugar e consequentemente ao povo picuiense.

A obra de Oliveira (1963) tem uma grande importância para Picuí, por ser uma obra pioneira, fazendo um apanhado geral sobre a história do município, fornecendo informações sobre sua educação, política, meio ambiente, etc. Como também é uma importante fonte para a publicação de livros, artigos, enfim, da produção científica e literária de intelectuais e pesquisadores, que se atém a pesquisar e escrever sobre a cidade. Além de tudo isso, tem uma importância na representação simbólica, pois cria a história do lugar podendo criar um papel de integração social entre os indivíduos da cidade.

Silvino de Macedo como um ícone da família Macedo, tem na obra de Oliveira (1963), um importante papel, pois constrói no imaginário, principalmente dos Picuienses, uma continuação dos feitos heroicos dos membros desta família. Como também na obra de Gomes (1984), quando assegura a exaltação dos feitos individuais de Silvino, pela superestima do fato, enaltecendo o herói picuiense como o único, com o poder da ação realizável devido as suas características e qualidades morais carregados da sua terra.

---

<sup>16</sup> Conforme Hobsbawm e Ranger (2008), a construção das tradições pode ser classificada em três principais categorias superpostas: “a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento.” (p.17).



Desde criança se faz revelar as características de Silvino:

Ótilio Pinheiro, que hoje conta com 73 anos, foi contemporâneo de Silvino e até companheiro de peraltagens. Conta episódios interessantes de quando iam juntos buscar leite na antiga fazenda Umburana, que demora pouco mais de um quilometro aqui da cidade. Muitas vezes a avó paterna de Silvino era presa de aflições com as traquinadas do **revolucionário precoce**, que ia ao mato a procura de lenha e lã, cavilosamente, furava um dedo do pé com um espinho de xique-xique e corria para casa, fazendo-se de agoniado, mostrando o pé vertendo sangue e dizendo ter sido picado por uma cobra. Naquele dia sabia ele que ia ser tratado a luvas de pelica, passando melhor e sendo poupado de qualquer mandado. Era **industrioso e inteligente!** (GOMES, 1984, p.32, grifo nosso).

A narrativa continua a contar as traquinagens de Silvino na infância para se sair de situações que lhe prenderia a mandados de seus familiares. Porém, ao final da carta, Eduardo Macedo, destaca: “Era um bravo para imolar a sua vida a ideias revolucionárias” (GOMES, 1984, p.32).

Dessa forma, as atitudes de Silvino ao se rebelar contra o presidente Floriano Peixoto, não alteraram apenas o seu presente e futuro, mas de certo modo, “altera” também o passado. Silvino é considerado desde criança um picuiense “revolucionário”, e dessa forma, as suas traquinagens na infância são reinterpretadas como ações desde sempre revolucionárias.

“No começo do ano de 1880, ao que consta, José Luciano de Macedo retirou-se para a cidade do Recife (...), onde se estabeleceu com uma fábrica de doces de caju (...) José Luciano conduzira aquele guri, que se chamava SILVINO HONÓRIO DE MACEDO- filho de Benta – de **Gênio indomável e irritante**. Como não suportasse seus professores e o próprio pai, foi ele, Silvino, logo que atingiu a idade regulamentar, matriculado da Escola de Aprendizes Marinheiros, seguindo, depois para o Rio de Janeiro”. (OLIVEIRA,1963, p.80, grifo nosso)

Dentro da revolta é destacada a bravura do picuiense:

Em várias revoltas que em que tomara parte, **distiguiu-se pela sua desmedida bravura**. A Fortaleza de Santa Cruz, á entrada da Baía de Guanabara, fora, em 18 de Janeiro de 1892, o centro de um levante contra o Governo de Marechal Floriano Peixoto. (...) Chefiou a essa revolta o sargento Silvino de Macêdo que, aproveitando o momento da refeição das praças que guarneciam a Fortaleza, lhes cortou a saída; e pondo-se a frente de grande números de pessoas, que ali cumpriam pena, aos quais deu liberdade, apossou-se da fortificação. Tinha por fim Silvino, segundo os partidários de Deodoro, forçar Floriano deixar o Governo para ser reempossado Deodoro. A revolta, entretanto, foi pronta e eficazmente sufocada no dia seguinte por navios da Armada, sob ordens do Contra Almirante Custódio José de Melo, sendo ao mesmo tempo, assaltada por terra, por forças do governo (GOMES, 1984, p.38, grifo nosso).

Oliveira (1963), ao relatar essa revolta, denominou de "Revolta Armada", e esta teria tornado Silvino famoso por ter saído em uma das batalhas com uma grande cicatriz no rosto. Segundo o autor, Silvino mesmo tomando parte ativa na revolta, o marechal Floriano Peixoto teria o perdoado. Assim, demonstrando que o Marechal teria perdoado pela admiração a sua coragem.

Utilizando à narrativa “As últimas horas de Silvino de Macedo” de Mario Melo (1929) como fonte, Oliveira (1963) conta que Silvino não desistiu dos seus ideais, e foi reconhecido quando desembarcou no Recife:

“Na Manhã de 13 de Janeiro de 1894, Salta no Recife, na antiga Ligueta, um passageiro clandestino do paquete ‘Dordsworth’, procedente do Rio de Janeiro. Vinte quatro anos presumíveis, olhos castanhos, cabelos pretos, gilvaz no queixo. Estava em traje civil, mas tinha porte militar. Não teve tempo de passar a Ligueta, onde se distraía em frente a uma casa que vendia pequenas jangadas. Parece mesmo que não se destinava a Pernambuco. É reconhecido como revoltoso por um “Tiradentes”, e pouco depois, preso sem protesto” (MELO, 1931, p.200 apud OLIVEIRA, 1963, p. 81)

Oliveira (1963) continua ao relatar o interrogatório da condenação de Silvino destacando a resposta deste ao comandante, quando lhe perguntam o que teria vindo fazer na cidade: “(...) apenas respondia, com a mais imperturbável firmeza: “VIM MORRER”” (p.81). Dessa forma, mais uma vez é reforçada a bravura de Silvino, por não deixar ser subjugado mesmo com toda a opressão contra ele.

Ainda de acordo com Oliveira (1963), Floriano Peixoto quando é informado da prisão de Silvino, enviou o telegrama com a ordem: “fuzile-se sem formalidades”. E então, Silvino teria sido levado rapidamente para o local do suplício, a sombra de uma mangueira. Ali sua coragem, que ganhou destaque durante a batalha no Forte de Santa Cruz, tornou-se lendária hora antes de seu fuzilamento.

De acordo com Gomes (1984), Silvino caminhava para a morte conversando tranquilamente com o seu carrasco, sem alterar o seu semblante. Oliveira (1963), transcreve em sua narrativa, o ritual do fuzilamento:

“Chegando ao paiol o préstito sinistro, o comandante manda que dois soldados cavem uma sepultura, deixando Silvino amarrado sob frondosa mangueira, que ainda ali viceja como testemunha de lúgubres cenas. Mal o dia clareia, o comandante dá ordem de sentido. Silvino perfila-se e oferece o peito á força. – Tem alguma coisa a pedir? Pergunta o comandante. — Sim, (responde Silvino), QUERO DAR AS VOZES DE COMANDO!... São-lhe apontadas ao peito doze carabinas! Soam as

vozes de preparar! Apontar! E quando o comando grita: “FOGO”, Silvino também grita: — NO CORAÇÃO, FOGO!” (OLIVEIRA, 1963, p.83).

Não desconsiderando o valor histórico das narrativas sobre vida e morte de Silvino, o que percebemos em ambas é a construção do herói picuiense, como um bravo desde a sua infância. Silvino é considerado, por suas brincadeiras de criança, sua história pessoal, um revolucionário precoce, que pela sua coragem e bravura tentou mudar a história do seu País, enfrentando o presidente, a favor da causa democrática.

Hobsbawm e Ranger (1997) chamam atenção para a característica da tradição inventada, do poder da sua extensão até o presente. A tradição utiliza-se de elementos antigos para articular novas tradições com propósitos bastante originais. Ela estabelece a continuidade do ritual do presente com o passado histórico.

As obras aqui discutidas sobre Silvino de Macedo é uma tentativa de construir uma imagem deste personagem na história de Picuí, de modo a estabelecer uma continuidade das características dos considerados grandes homens locais, nas características do herói, contribuindo para a construção de uma identidade ao lugar.

.De acordo com Nobrega (2017), os personagens individuais também contribuem para a construção da representação coletiva de uma identidade local em comum. Assim, destacar os feitos e os traços da personalidade dos “grandes nomes” findaria por impor aos picuienses a consciência de si (KAUFMANN, 2005), assumindo-se como honestos, honrados, bravos, leais, lutando desde sempre pelo que é certo desde a fundação do lugar.

Neste sentido, as características dos grandes homens do lugar identificam-se com a imagem de Silvino de Macedo e vice-versa. Como já foram mencionadas, teriam sido essas características que lhe tinham conduzido a lutar pelo justo, ser firme em seu ideal, e assim, não pedindo clemência ao Marechal Floriano da Fonseca.

O regaste da história nas obras e posteriormente a construção dos lugares de memórias por iniciativa de Felipe Tiago Gomes, tem por igual objetivo, imortalizar esse feito na cidade, firmar a identificação. A morte trágica de Silvino é construída em torno de um sacrifício pela devoção a uma causa justa, ou seja, em favor a democracia. Gomes (1984) enfatiza a coragem, bravura e a origem simples de Silvino, sendo identificado como exemplo cívico e patriótico para todos os picuienses.

Porém, diante da discussão, não seria arriscado afirmar qualquer coisa a respeito das ações de um herói? Será que é possível dizer que ele lutou ou se comportou desta ou daquela forma por um motivo exato ou inquestionável? Segundo Miceli (1997), não se pode esquecer que a vida do herói, como a de todas as outras pessoas, além de ser repleta de imprevistos, obedece a instintos, paixões, sentimentos, pensamentos; enfim, a um estado interior em constante tensão com o meio social, que nem sempre guarda relação com atos e condutas, ou, ao que parece trágico, com os próprios resultados destes atos.

Embora seja perigoso fazer afirmações sobre as atitudes de um herói é importante entender que a construção de identidade enquanto moldagens, ou molduras, nas palavras de Kaufmann (2006) são fabricadas, a partir de um discurso que as legitimam enquanto tal. Assim sendo, as mesmas precisam ser vinculadas a um lugar histórico e institucional (KAUFMANN, 2006 apud MONTEIRO; OLIVEIRA NETO, 2016).

Esse é o caso das narrativas oficiais empenhadas em dar forma à história de Picuí, pois a partir da vinculação dos discursos que a legitimam, arquitetaram uma identidade comum ao lugar, de forma que os picuienses se reconhecessem e se fizesse reconhecer, a partir de aspectos comuns, vinculados aos grandes homens locais.

#### 4 O HOMEM E O MITO

Após tomar posse como Presidente da República, o Marechal Floriano Peixoto emitiu um manifesto comprometendo-se com dois objetivos principais:

A preservação da inviolabilidade da lei, respeitando a vontade nacional e a dos Estados em suas livres manifestações sob o regime Federal. E do ponto de visto financeiro, a mais severa economia e a maior fiscalização no emprego da renda do Estado como também tentar equilibrar os orçamentos (CARONE, 1974, p.52).

No entanto, Floriano decidiu consolidar sua autoridade derrubando os governos estaduais. O presidente da República agiu como os ministros imperiais, derrubando os chefes dos governos estaduais, com exceção apenas do Rio Grande do Sul, e o do Pará<sup>17</sup>. As deposições seria uma violação direta da inviolabilidade da lei, que o presidente jurou defender.

De acordo com CARONE (1974) a oposição Deodorista na Câmara e no Senado se rearticulou e, antes de procurar reassumir o poder pela força, tentaram criar um clima de reprovação contra a política de derrubada dos governadores aliados de Deodoro. Epitácio Pessoa, sobrinho da esposa do presidente deposto na Paraíba, Venâncio Neiva, define a nova situação em seu discurso:

Os nobres deputados já não têm o direito em falar de golpe de Estado. (Vozes: oh!). Sim! Já não têm esse direito! O Marechal Deodoro deu um golpe de Estado; vós tendes dado mais de dez; o Marechal Deodoro dissolveu o Congresso Federal, vós tendes dissolvido o Congresso de quase todos os Estados, tão indissolúveis como este. O Marechal Deodoro fê-lo pela porta larga da franqueza e da hombridade; vós o tendes feito pela porta escusa da dissimulação e do disfarce. O Marechal Deodoro parou aí; vós tendes ido muito além, tendes demitido magistrados vitalícios, tendes suprimido todos os poderes estaduais, tendes inundado de sangue o território da Pátria (CARONE, 1974, p.67 e 68).

No que diz respeito à economia, Rodrigues Alves ministro da Fazenda, realizou uma política de controle de emissões monetárias, que passava a ser controladas pelo Tesouro Nacional. Segundo Saes (2005) essa política anti-inflacionista, promovida por um membro do Partido Republicano Paulista, visava favorecer a elite cafeeira paulista, cujas atividades econômicas, como por exemplo, o setor ferroviário, necessitava de moeda e economia estável. Por outro lado, esta política era um golpe na burguesia bancária que vai acabar com sua era de enriquecimento e especulações.

---

<sup>17</sup> No Rio Grande do Sul, o governador aliado de Deodoro foi deposto antes da queda deste, e o do Pará, único que condenou abertamente o golpe de 3 de Novembro.

A política de derrubada de Floriano e Custódio somado ao controle de emissões de Rodrigo Alves ocasionou um ciclo de revoltas no Rio de Janeiro. Segundo Saes (2005), brevemente, essas revoltas são fruto do descontentamento de três grupos:

- 1) militares seguidores do presidente deposto cuja ação política Edgard Carone chama de jacobinismo deodorista, antecessor do florianista 2) lideranças políticas alçadas do poder em seus estados depois do 23 de novembro; 3) banqueiros do Encilhamento prejudicados pela política ortodoxa do Ministro da Fazenda (SAES,2005, p.82).

Edgard Carone (1983) denominou essas revoltas de “revoltas deodoristas”, de acordo com ele, teve direção dos Militares do Exército, Suboficiais e Marinheiros, conjugando-se com movimentos de protestos civis na rua e no Congresso.

A primeira ação, que contou com a participação de Sargento Silvino de Macedo, foi à revolta do encouraçado 1º de março nos dias 13 e 14 de Dezembro de 1891. Esta ação consistiu em uma sucessão de motins de marinheiros, que sob o pretexto de resistir aos abusos dos oficiais, tentaram criar um ambiente para a derrubada do governo. Após uma rápida repressão das tropas do contra-almirante José Marques Guimarães, os rebeldes foram presos e enviados para a Fortaleza de Santa Cruz.

Segundo Saes (2005), em 19 de janeiro de 1892, um novo levante foi registrado, desta vez em maior escala, explodiu na própria Fortaleza de Santa Cruz, envolvendo 163 prisioneiros militares, dos quais 66 eram marinheiros que participaram dos motins de Dezembro.

O líder foi reconhecido como o 2º Sargento do 1º Batalhão de Engenheiros do Exército, Silvino de Macedo, um sargento entusiasta de Deodoro, inteligente e muito corajoso. O mesmo já havia sido perdoado pelo Conselho de Guerra por participação dos motins no encouraçado 1º de Março, porém ainda estava detido na Fortaleza de Santa Cruz com 66 marinheiros insurgentes, quando voltou novamente a se rebelar. Silvino teria iniciado e expandindo rapidamente o movimento de dentro da Fortaleza de Santa Cruz para os Fortes da Lage e do Pico (CARNEIRO, 1965).

Esse levante foi denominado por Glauco Carneiro (1965), como o “Levante do Sargento Silvino”, e é considerada a primeira rebelião de sargento no regime republicano, assim como a primeira revolta declarada contra o governo de Floriano Peixoto.

De acordo com o Jornal do Commercio (1892), às 07:00 da manhã, chegou a Fortaleza de Santa Cruz o Capitão Miranda do corpo de Engenheiros, com dez operários para dar continuidade às obras que ali estavam fazendo, juntamente com o Capitão Matos, que ia apresenta-se ao 1º Batalhão de Artilharia de Posição naquele lugar. Ao tentarem entrar na Fortaleza, logo foram recebidos por Silvino, que pediu para serem portadores de um ofício para o Marechal Floriano, em que consistia nas seguintes palavras: “o mesmo era intimado a entregar o poder ao Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, no prazo improrrogável de duas horas, sob pena de bombardearem a Capital Federal”.<sup>18</sup>

Conforme Carneiro (1965), Floriano estava no bairro da Piedade e dirigiu-se a sede do Governo, onde permaneceu durante as quase 48 horas que perdurou a revolta. Reuniu-se com as autoridades militares, que providenciaram a repressão. E assim depois de mais de um dia de luta e de várias dezenas de mortos, os combates cessaram e os rebeldes entregaram as armas.

José Murilo de Carvalho em sua obra *“Forças Armadas e Política do Brasil”*, aponta que, começando pelo Exército ficou claro que não se pode falar de intervenções da corporação como um todo. As intervenções variavam em sua natureza em função dos grupos que a promoviam. Duas intervenções foram de oficiais superiores (1892, 1930)<sup>19</sup>, e duas foram de praças: uma delas foi a Revolta do Sargento Silvino em 1892, que teve fortes traços antiflorianistas e foi instigada por políticos e oficiais (CARVALHO, 2005).

O Sargento Silvino e todos os participantes da sua rebelião, de acordo com o Dossiê da Câmara dos Deputados (1892), receberam a anistia por meio do Decreto de 5 de Agosto de 1892<sup>20</sup>.

Por baixa de 3 de Outubro de 1892, Silvino foi excluído do exército, e em seguida, teria conseguido um emprego no jornal do Diário Oficial, no entanto, logo teria deixado o Jornal e decidido se mudar para Pernambuco, onde morava seu pai. Porém, antes de partir

---

<sup>18</sup> Jornal do Commercio, Desterro, Santa Catarina, 27 de Janeiro de 1892, p.2, n.275. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/Jornal%20do%20Comercio/1892/JDC1892275.pdf> Acesso em: 01 de Março de 2022.

<sup>19</sup> Manifesto dos 12 Generais (1892) e Movimento Pacificador (1930).

<sup>20</sup> Disponível em:

[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=986F3027E31A623362C72FF01764574F.proposicoesWebExterno1?codteor=1187987&filename=Dossie+-PL+2360/1974](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=986F3027E31A623362C72FF01764574F.proposicoesWebExterno1?codteor=1187987&filename=Dossie+-PL+2360/1974) Acesso em: 01 de Março de 2022.

para Pernambuco em 1893, e por seu extinto antiflorianista, foi atraído pelos rumores de uma revolução iminente na Marinha, a então, Revolta Armada. (COSTA, 2017)

De acordo com Carneiro (1965), o temperamento revolucionário do ex-sargento Silvino fez dele chefe da artilharia da guarnição do navio Guanabara, que bombardeou a cidade, destruindo o holofote da Glória. Segundo Costa (2017), Silvino, teria comandado heroicamente e bravamente a ex-fragata, e durante meses assediou com metralhadoras as forças do governo de Floriano estacionadas na costa.

É interessante observar que em todas estas fontes Silvino é considerado um rebelde obstinado, contrariando ao pressuposto de que o anistiado é grato ao regime pela reintegração na ordem legal. A anistia concebida por Floriano não teria mudado os ideais defendidos pelo ex-Sargento, pois o mesmo estava sempre pronto a novamente conspirar contra o seu governo.

Em 1893 com a Revolta da Armada em pleno desenvolvimento, Silvino, com o seu ideal antiflorianista se juntou aos revoltosos da Marinha e é enviado a Pernambuco, para inutilizar uma das torpedeiras do governo, onde é reconhecido e preso no forte de Brum, submetido a Conselho de Guerra e condenado à morte (SAES, 2005).

Ao interrogatório da comissão, a princípio, Silvino teria negado a identidade, mas depois a revelou com a maior altivez. Sobre o objetivo da visita ao Recife, Silvino apenas insistiu em dizer que tinha vindo para morrer. Assim, quando a comissão perguntou, porque o mesmo não pedia clemência ao marechal, pois já havia lhe salvado uma vez da morte, Silvino apenas responde, que era revoltoso e não pedia clemência; e que os soldados cumprisse o dever deles (ARAÚJO, 1904).

Como já tratamos no capítulo anterior, conforme Araújo (1904), Melo (1929) e Oliveira (1963), Silvino ao ser levado na madrugada de 14 de janeiro de 1894, a Imbiribeira, local da sua execução, teria dado vozes ao seu próprio fuzilamento, não demonstrando nenhum arrependimento.

No entanto, o que percebemos é que logo após sua morte, todas estas revoltas em que o mesmo participara, o seu julgamento, a condenação, e conseqüentemente sua execução são colocados em narrativas que celebram o seu desafio contra o governo de Floriano, sua bravura e principalmente sua coragem diante da morte. Assim, sua história de vida e a forma em que é submetido à morte se tornam lendários meses depois da sua execução.



Na seção seguinte iremos tratar de como o mito se articulou em torno da imagem do Sargento Silvino após a sua morte, e como o mesmo foi construído e reconstruído em diferentes momentos pelos diferentes interesses do processo de construção do herói.

#### 4.1 De Revoltoso a Herói: A sentença condenatória de Silvino e a construção do mito.

Campbell (2007), em sua obra *O Herói de mil faces*, explicou que as características de um herói político, fictício ou mitológico não são muito diferentes. Para o autor, o que muda é o contexto das ações e as atitudes esperadas. Considerando que nas sociedades primitivas, os heróis existem para ajudar a sociedade a vencer os medos e as forças obscuras da natureza, o herói político também atende um desejo de seu grupo. Estes continua sendo a entidade que surge diante de tempos de crise, sendo visto como o salvador.

Em relação ao mito do herói, de acordo Girardet (1987), “a antropologia e a história definem mito como uma narrativa que se refere ao passado, mas que esclarece e justifica certas peripécias do homem e certas formas de organização” (p.13). Esse aspecto narrativo movimenta o consciente e o inconsciente, integrando-se à memória coletiva, repleta de símbolos e dramas (COLLIN, 2008, Apud, GANDI, 2015).

Vernant (2002) explica que o mito evidencia um traço inseparável ao ser humano: o pensamento simbólico. Em contraste com o pensamento racional, que é produto da reflexão, experiência e empirismo, o pensamento simbólico refere-se a algo que está acima da razão sendo entendido como crença. A imaginação mitológica começa com uma imaginação coletiva diante de um fenômeno natural ou humano em que a sociedade deposita sua convicção (SARAIVA FILHO, 1999).

Uma carta anônima de Recife foi enviada à redação do jornal "O Democrata", impresso no estado do Pará. E em 13 de fevereiro de 1894, o jornal publicou a mensagem recebida, que termina com as seguintes palavras:

Silvino de Macedo, essa alma de cristal com têmpera de aço, sacrificando-se por uma ideia, morrendo corajosamente por um princípio, foi um bravo como poucos, um verdadeiro herói, um desses mortos imortais, que pelos seus feitos espantosos se inscreverão na iluminada galeria de glória. Salve, mil vezes salve, oh! grande cidadão que te sumiste na voragem do sepulcro com a fronte aureolada pela coroa do martírio, ensinando aos déspotas, com o teu exemplo inexcedível, que o brio pernambucano não desapareceu ainda, e que, se esta terra tem em seu seio um punhado de vilões, que cinicamente se curvam à tirania, trocando a dignidade, a vergonha e a consciência por um bocado de ouro, contam também filhos como tu,

que afrontam impavidamente todos os perigos, e sabem dar a vida em holocausto pela causa da pátria e da liberdade (VAINSENER, 2003).

Nesse sentido, o sargento Silvino passa por um processo de mitificação após a sua morte, em que determinados episódios de sua vida adquirem dimensões apropriadas às ideias que se quer transmitir. As suas ações passa por um processo de elaboração coletiva, de modo que o entrelaçamento entre o vivido, aquilo que seria real, é reconstruído para transmitir determinados sentidos e significados as suas ações.

De acordo com Bobbio; Matteuci; Pasquino (1998) para que o mito entre na esfera política, ele deve desempenhar um papel central na sociedade, como instrumento de mudança social, estabelecendo-se como o local de interação entre situações concretas de crises individuais e sociais. Como tal, as narrativas mitológicas têm um caráter político e utilizam uma linguagem política objetivando a ação política.

Mendonça (2002) aponta que o conceito de mito político coloca a sistematização de ideais, rituais e práticas políticas sob uma dimensão simbólica. Isso constitui a função de coesão social da mitologia política. Em outras palavras, os mitos políticos cumprem a função de ensinar a unicidade grupal (CAMPBELL, 2007, apud, GANDIN, 2015).

Nesse processo, os efeitos do mito político agem sobre o mundo externo, tornando o referido herói um meio de atingir o público. De acordo com Carvalho (1990), “Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos” (p. 55). Ainda segundo Carvalho (1990), heróis devem responder a alguma necessidade ou desejo coletivo, refletindo alguma personalidade ou comportamento que corresponda a um modelo de valor coletivo. Nesse caso, o exemplo de Silvino seria usado como meio para legitimar a Revolta Armada de Custódio de Melo em 1893.

Observando as mensagens de pessoas anônimas<sup>21</sup> recebidas e publicadas no Diário de Notícias no Estado do Pará e do Correio Paraense, logo depois da morte de Silvino no ano de 1894, podemos perceber essa construção:

---

<sup>21</sup> Vainsencher (2005) lembra que no final do século XIX, os generais tomavam as decisões que lhes convinham, imperava o terror ilimitado, prendia-se e executava-se com facilidade. A população vivia sob constante estado de sítio, sem garantias institucionais. Por tal motivo, certamente, a imprensa pernambucana não

E agora, as nossas “vistas para o assassinato de cinco marinheiros e do grande patriota Silvino de Macedo, que até ao ultimo momento de vida, deo o exemplo de abnegação e patriotismo, morrendo como Chisto, como Socratas, como Lincoln, como todos os propagadores, pregando sua doutrina não ovassalando suas ideais em frente dos carrascos da dictadura, que para irrissão dos homens de coração, que acima das furias do desposta, põem o amor da patria, voltavam de sua HEROICA empreza acabrunhados!

Dorme patriota! Que teu sangue derramado pelos sicários da dictadura, sem holocausto à suas ambições sirva de estímulo ao abençoado solo pernambucano fazendo reviver, os Canecas, e os Machados, para afrontarem a tyrannia que nunca dominou o Leão do Norte.

Dorme! Enquanto nós a braços com o despotismo de um mercenário florianista, não recuaremos ante o martyrio, segundo o vosso patriótico exemplo. (A anarchia, Diário de Notícias, Pará, 2 de Fevereiro, 1894) .

#### A MEMORIA DO HEROICO TENENTE SILVINO DE MACEDO

Santo Deus! A vós nada é impossível do infinito onde estaes  
 Incendiar os corações d’ amor á Patria, tirar os homens do medo  
 Lugubre enche-os de patriotismo abraza-os em civismo –como taes  
 Vinguem seu irmão nas armas, o invicto –**Silvino Macedo!**  
 Ironia! irrizão! pernambucanos, ainda é tempo d’ esmargar a tyrannia,  
 Não deixando mais a vilania grassar no nosso torrão abençoado,  
 Olvidae o tyranno, amai a liberdade –hastease o estandarte laureado

Do Rio Grande ao Amazonas, o grito d’ esses bravos já retumbou,  
 E o grande patriotismo que **Custódio** em suas lutas vos legou !

Marchae! Marchae! Em legiões compactas, calcae o despotismo,  
 Asteae a bandeira da **Revolta**, uni-vos aos bravos marinheiros :  
 Custodio e Saldanha estão ao vosso lado: se **Silvino** foi arcabuzado  
 Ele terá o premio do martyrio: - morreu como heroe, e com civismo,  
 Dando exemplo d’amor e lealdade á Patria e aos guerreiros-  
**Os** que sofrem pela liberdade, até o mais humilde soldado !...  
 (Diário de Notícias, Pará, 11 de Fevereiro, 1894).

Podemos observar nas mensagens acima, que Silvino morto é tornado herói, ao ponto de capara-lo a Cristo. A forma trágica que lhe tiram a vida foi associada ao civismo, a bravura, a coragem, e a resistência à tirania.

Percebemos a intenção de propagandear sua morte como forma de “vinga-se o irmão Silvino nas armas”, para utiliza-la como símbolo de revanche. Assim, o seu sangue derramado ao ser fuzilado em Pernambuco, é tomado como estímulo, para fazer reviver o patriotismo dos seguidores de Frei Caneca e Joaquim Nunes Machado para a Revolução Federalista.

---

noticiou a execução de Silvino, e os poucos que escreveram sobre ela, foram fontes anônimas de Recife, que enviava possivelmente cartas para jornais fora do Estado.

Quando se referem aos “Canecas” fazem referência aos seguidores do líder religioso e revolucionário, Frei Caneca, pois o mesmo apoiou a Revolução Pernambucana de 1817 e a Confederação do Equador em 1824. De acordo com Carvalho (1990), Frei Caneca foi herói pela independência, e contra o absolutismo de D. Pedro I, morreu também como mártir, como herói desafiador, num ritual seco de fuzilamento.

Quando se referem aos “Machados” se referiam aos seguidores de Joaquim Nunes Machado, um dos líderes da Revolta Praieira em 1848, que assim como Frei Caneca, Joaquim Nunes teria morrido em favor de mudanças políticas no País.

Além de Frei Caneca, Nunes Machado e Silvino de Macedo, há também Tiradentes e muitos outros considerados heróis, por terem sacrificado a vida em prol de uma causa. A natureza das ações políticas desses heróis é sempre considerada contrária a um determinado plano político, e o fim trágico de suas vidas são fundamentais para a construção heroica das suas imagens; e usa-las como exemplos simbólicos para fins de outras causas.

Os simpatizantes da Revolta de Custódio de Melo consideravam Silvino como exemplo a ser seguido e passam para a sociedade a mesma missão: seguir os passos do “invicto”, “bravo” e “patriota” para combater a “tirania”.

Segundo Castelo Branco (2005), isso se explica, porque o mito:

[...] revela modelos significativos numa dada sociedade, que devem ser seguidos pelos mais jovens, para manterem as tradições passadas, repetindo rituais e práticas que seus antepassados fizeram. Daí uma necessidade de uma sacralização da realidade para garantir a repetição da atmosfera mítica, sobrenatural, em que os mitos são revelados em cerimônias sagradas ou em rituais de passagem. E através do poder dos ritos os mitos se repetem, - reatualizando-se, tornando-se vivos novamente e dinâmicos (p. 32).

No entanto, ainda segundo a autora, não podemos deixar de ver o mito como algo que ora se dilui, ora se reconfigura, ora se desqualifica, a partir de uma nova contingência temporal e espacial que lhe confere movimento e plasticidade, e das perguntas ou acontecimentos do tempo presente, dada a relevância da temática na contemporaneidade.

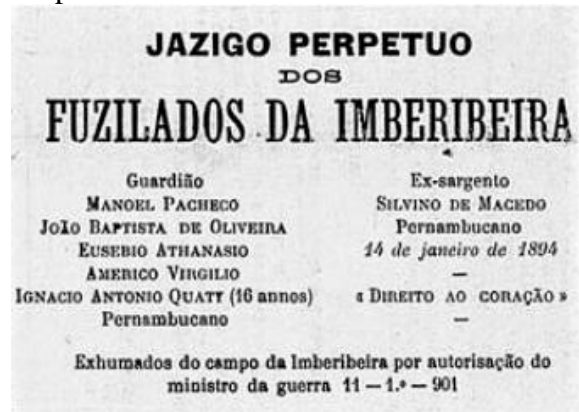
Dessa forma, o mito do “Mártir Silvino” não permanece estático. Após o fim das revoltas contra o governo de Floriano Peixoto, há novamente uma sacralização sobre a imagem do Sargento. Para o jornalista Mario Melo, o nome de Silvino é levado à imortalidade: “Pela sua coragem, pela bravura e pelas circunstâncias da sua morte, voa o nome de Silvino de Macedo á imortalidade – mártir dum ideal por que a vida sacrificara” (MELO, 1929, p. 204).

O resgate do salvador sacrificado corresponde neste momento a um “tempo de lembrança”, que segundo Girardet (1987) a figura do salvador é lançada de novo no passado, onde vai modificar-se ao capricho dos jogos ambíguos da memória, de seus mecanismos seletivos, de seus rechaços e suas simplificações. Nesse “templo de lembrança”, em que Silvino é novamente criado, observamos a preocupação constante em expressá-lo como um herói pernambucano com características peculiares para neste contexto ser incluído no panteão de heróis da pátria. Isso significa que, “para o culto do eu, a memória é vital.” Dessa forma, são “as individualidades tão ricamente elaboradas”, que segundo Abreu (1996), é “preciso salvar do esquecimento, do esfumaçamento provocado pela morte”. (p.28)

Temos como exemplo disso, as construções das narrativas histórias de Silvino, na primeira metade do século XX, em Pernambuco, através da publicação da monografia de Dr. Vicente Ferrer B.W.Araújo, sobre as execuções históricas, onde foram detalhadas e analisadas em monografia impressa em Pernambuco no ano de 1906, intitulada, a Execução de Silvino de Macedo - um estudo crítico e histórico. Nesta monografia é retratada toda a saga do Sargento Silvino no Recife, o seu julgamento e seu lendário fuzilamento. É notadamente evidenciada a coragem de Silvino em ir ao Recife mesmo sabendo que poderia ser reconhecido, como no interrogatório, em que não negou sua identidade e não apresentou nenhuma defesa ou arrependimento. Araújo (1904) utiliza fontes orais e documentais para produzir seu trabalho e elege Silvino como um herói Pernambucano.

Posteriormente, pela iniciativa e repercussão da escrita desta monografia, os restos mortais dos executados envolvidos na Revolta da Armada de 6 de setembro de 1893, foram retirados do território da Imbiribeira onde foram sepultados e colocados no mausoléu da Igreja Matriz dos Afogados em Recife. Assim, fazendo reavivar a memória de Silvino.

**Figura 7:** Jazigo Perpétuo dos fuzilados da Imberibeira na Matriz de Afogados.



**Fonte:** Jornal A província, Fuzilados da Imbiribeira, Recife, 10 de Setembro de 1901.

No contexto do ano de 1931, em igual iniciativa, o também Pernambucano Mario Melo escreveu narrativa histórica intitulada “As últimas horas de Silvino de Macedo”, em seu livro Dentro da História impresso em 1931, pela Companhia Editora Nacional, para escrever esta narrativa utilizou como fonte a monografia de Araújo (1904).

A partir de 1941, como vimos, na Paraíba, precisamente em Picuí, através de Felipe Tiago Gomes, a memória sobre a figura do herói Silvino foi novamente resgatada, agora como herói picuiense na história local, começando com Oliveira em 1963, depois com o próprio Felipe Tiago Gomes em 1984, que também registrou estas memórias por meio da escrita, como também através dos lugares de memória implantados posteriormente na cidade, como veremos a seguir:

**Figura 08 e 09:** Travessa Sargento Silvino Honório de Macêdo.



**Fonte:** Acervo da autora

A travessa é formada por dois becos que corta o centro da cidade, sendo composta na sua maioria por pontos comerciais. Segundo Abílio César de Oliveira (1963), a denominação da rua é uma homenagem póstuma ao imortal Sargento Silvino Honório de Macedo. Esta mesma travessa é evidenciada antes por Felipe Tiago Gomes em 1941, no embate sobre a origem do herói com o jornalista pernambucano Mario Melo. É utilizada por Gomes (1941), no artigo sob o título “Um convite especial” publicado no jornal Pequeno do Recife, quando este faz um convite a Mario Melo para visitar Picuí e conhecer a família de Silvino e, sobretudo, ver a denominação desta rua. Evidenciando que Silvino era picuiense e a população deste lugar tinha conhecimento da sua história e em forma de homenagem teria nomeado uma das suas ruas com seu nome.

O projeto com o ano e nome da rua não foi localizado na Câmara dos vereadores da cidade. A funcionária do arquivo me apresentou uma lista com nomes de logradouros que não foram localizadas as respectivas leis em pesquisas anteriores, e uma delas é a Rua Silvino Honório de Macedo.

**Figura 10:** Sobrado em que Silvino de Macedo Nasceu.



**Fonte:** <https://www.google.com/maps/place/Pra%C3%A7a+Jo%C3%A3o+Pessoa/>. Acesso em: 27/03/2022

Conforme a narrativa de Oliveira (1963), Silvino teria nascido neste sobrado situado na primeira rua do povoado, na atual Praça João Pessoa no Bairro Centro de Picuí. No

entanto, o prédio do sobrado é atualmente utilizado como local que abriga o 26º Ciretran, representando o Detran em Picuí.

**Figura 11:** Jazigo de Silvino de Macedo construído em Picuí na década de 90.



Fonte: Acervo da autora

**Figura 12:** Placa de homenagem do Jazigo de Silvino de Macedo



Fonte: Acervo da autora

A placa do Jazigo contém a seguinte descrição: “*Jazigo provisório de SILVINO DE MACÊDO. Pela sua coragem, pela sua bravura e pelas circunstâncias da sua morte, vôa o nome de Silvino de Macedo á imortalidade – Mártir dum ideal porque a vida sacrificara*”.<sup>22</sup>



Os restos mortais do Sargento Silvino foram transferidos da Igreja Matriz dos Afogados em Recife para Picuí pelo corpo de bombeiros do Recife, em 09 de Março de 1990. Para tornar esse momento visível a todos da cidade foi feito o ato público e festivo com a participação de orquestras de músicas no ginásio de esportes, em que na época pertencia a entidade da CNEC<sup>23</sup>, com a presença de grande número de cidadãos, pois também era o dia em que se comemoravam as festividades alusivas aos 86 anos de emancipação política do município.

Este momento foi eternizado por meio da produção de filmagens, onde a cerimônia é registrada<sup>24</sup>. Nas filmagens é possível ver a chegada do traslado através de uma carreta de pouco mais de dez carros; contando com o carro da polícia e do corpo de bombeiros. Esta carreta ocorre pela rua principal da cidade acompanhada de um carro de som anunciando a chegada dos restos mortais do picuiense Silvino de Macedo a sua terra natal, enfatizado ele ser o Mártir da Imbiribeira.

Ao chegar ao ginásio de esportes há uma mesa de honra com a presença de Dr. Felipe Tiago Gomes<sup>25</sup>, do prefeito e vice-prefeito, do Juiz de Direito, de Vereadores, Secretários e de outras autoridades de Pernambuco. Em seguida, são apresentados os soldados cerimoniais de Pernambuco, em que é feita a solenidade de entrega da urna com a bandeira da Paraíba envolta desta.

Dr. Felipe Tiago Gomes fez um breve discurso e agradeceu a professora Pernambucana Fátima Araújo, que se fazia presente, por viabilizar a chegada do traslado de Silvino a sua terra natal. Agradece também aos estudantes do colégio Timbaúba pela presença, e o apoio da prefeitura municipal de Picuí junto a CNEC pelos esforços em conseguir o traslado do herói Silvino de Macedo para o repouso eterno na sua terra. Felipe

---

<sup>22</sup> As palavras deste epitáfio foram encontradas no livro *Mario Melo Dentro da história* de autoria do próprio Mario Melo (1931): “Pela sua coragem, pela sua bravura e pelas circunstâncias da sua morte, vôa o nome de Silvino de Macedo á imortalidade – Mártir dum ideal porque a vida sacrificara”. (p.204)

<sup>23</sup> A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) foi uma instituição fundada pelo Picuiense Felipe Tiago Gomes e surgiu em 1943 no Recife. A campanha tinha o intuito de atender crianças e jovens que não possuíam ofertas de estudos pelo poder público ou não tinham condições financeiras para ingressar em colégios privados.

<sup>24</sup> Disponibilizadas pelo canal do Museu Virtual Picuí Minha Terra no youtube no ano de 2020. Link dos vídeos: Parte 01, 02 e 03, respectivamente: <https://www.youtube.com/watch?v=gqEsZ-U0BZw&t=384s>, <https://www.youtube.com/watch?v=GzsCrNIBA9A>, <https://www.youtube.com/watch?v=n-KystwOVig>.

<sup>25</sup> Há referência a sigla de Dr., pois nesta época Felipe Tiago Gomes já havia concluído seu curso de Direito e foi assim que ele passou a ser chamado em Picuí.

ênfatiza ainda a coragem, bravura e a origem simples de Silvino, sendo identificado como exemplo cívico e patriótico para a cidade.

O Jazigo de caráter provisório foi construído em frente ao ginásio de esportes, a rádio cenequista e ao prédio da Prefeitura Municipal, em que todos pertenciam à entidade da CNEC. Dessa forma, percebemos a influência de Dr. Felipe Tiago Gomes de conseguir reunir pessoas a favor da causa e posteriormente conseguir concretizar o traslado e um lugar de memória para o herói. Nada poderia ser mais eficaz para aproximar a sociedade picuiense ao herói do que o retorno dos restos mortais do corpo físico.

De acordo com Fraga (2012), os heróis, assim como os reis, possuem dois corpos o corpo físico e o simbólico. Sendo este último compreendido como todo o imaginário constituído em torno de alguém que, em determinado momento histórico, tornou-se herói, encarnando valores e características capazes de serem reconhecidas e admiradas por um determinado grupo, sociedade ou nação. Segundo o autor, embora não seja incomum que os heróis participem da construção de sua própria imagem, a produção da ideia de um corpo simbólico, em geral, nasce ou se intensifica quando o corpo físico já morreu.

Os dois corpos de um herói geralmente não coexistem no mesmo período histórico, pelo menos com o mesmo poder. O que acontece é que, em determinados momentos históricos, as instituições podem desenvolver políticas específicas, escolhendo uma, algumas ou mesmo um amplo conjunto de figuras históricas para representar seus projetos e valores político-sociais. No entanto, organizam iniciativas para torná-los presentes na memória daquela sociedade, “inventando-se” heróis ou reavivando seus cultos, por meio de rituais, das narrativas históricas ou até mesmo da construção de lugares de memórias.

Assim, o retorno dos restos mortais do corpo físico de Silvino, foram utilizados em prol do corpo simbólico, unindo-se a ele, ocorrendo um esforço de reavivar o herói, fazendo nascer novamente o seu poder simbólico naquela população.

Além disso, de acordo com Fraga (2012), outro fator a ser destacado é que enquanto o corpo físico nasce e morre apenas uma vez, o corpo simbólico, em princípio, consegue fazer o mesmo de forma “ilimitada”. À medida que a sociedade e os interesses dos grupos mudam, os heróis que eles cultuam podem se modificar ou, podem ser alteradas as formas de interpretar seus feitos e sua feição.

Uma vez que determinados grupos sociais conseguem reunir e pressionar a instituições para que estes reconheçam a importância de determinadas figuras e as inclua em uma galeria de heróis, no entanto, pode ocorrer que personagens por muito tempo considerados heróis, “deixem” de ser reconhecido ou vice-versa.

Atualmente é fácil perceber que poucas pessoas que passam pelo jazido de Silvino de Macedo, tem conhecimento da sua história, ou pelo menos, que os seus restos mortais se encontram naquele lugar. Aqueles que sabem poucos tem conhecimento o porquê ele está ali.

Para Fraga (2022), a energia que permite a sobrevivência de um herói provém das celebrações e homenagens; e quanto mais é alimentado, mais poder simbólico adquire.

Segundo Pollack (1989), os lugares de memória somente se constituírem em espaço de preservação de uma memória se assim a comunidade os reconhece como tal. Dessa forma, a grande maioria da população não reconhece mais esse espaço, o corpo simbólico não é mais cultuado. Isso também pode ser explicado pelo atual descaso desse lugar por parte das autoridades e principalmente da própria população.

No entanto, de acordo com Pesavento (2007), não devemos deixar de perceber que as representações são produzidas socialmente e historicamente, uma vez que traduzem formas de ver, pensar e sentir de determinada realidade. Assim, entendemos que a construção dos lugares de memória estão diretamente vinculados ao contexto da época do seu surgimento, em que são eleitos, no sentido de lembrar e manter vivo na memória das pessoas aquilo que se quer perpetuar como também o que se quer “apagar” da memória social.

Dessa maneira, os lugares de memória espalhados por nossas cidades são materializações dos sentimentos e dos interesses predominantes em cada época. Sentimentos e interesses que terminaram por determinar a celebração ou o esquecimento dos episódios e de seus personagens. Nesse sentido, torna-se importante o resgate histórico desses lugares físicos onde o passado foi um dia produzido, no entanto, precisa ser repensado.

## 5 CONCLUSÃO

Na nossa pesquisa percebemos que a história local foi construída com o objetivo de gerar uma identidade ao lugar através da evidencia dos grandes feitos e das características dos heróis locais principalmente da família Macedo esta considerada a família fundadora do lugar e a principal responsável pelo seu futuro desenvolvimento.

Na construção do herói na história local constatamos a formação de uma continuidade histórica em relação a esses feitos. Estes picuienses são caracterizados como homens bravos, honrados e corajosos que lutou desde sempre pelo bem do seu povo. Os primeiros contra uma epidemia que assolava uma região, quando um filho de Antônio Ferreira de Macedo, o então, José Ferreira de Macedo, teve a ideia, a iniciativa e coragem de fazer uma promessa a São Sebastião, que fez cessar às mortes, e assim conseguiu através da construção da Capela, desenvolver o povoamento na região, pois, com a construção da capela, surgiram os primeiros traçados urbanos do povoado. Evidenciando assim, que a intensificação do povoamento se deu em decorrência da construção da capela, em virtude do voto religioso feito por José Ferreira de Macedo a São Sebastião.

Assim, José Ferreira de Macedo é considerado por Oliveira (1963) como um homem probo, corajoso e honesto, de muito prestígio e força moral para o seu povo, sendo considerado o verdadeiro fundador de Picuí. O seu pai teria conquistado a região e ele teria idealizado e feito à obra.

Silvino de Macedo é considerado herói do lugar, pois teve a coragem e iniciativa de lutar contra o autoritarismo de Floriano em prol de uma causa coletiva. Foi considerado por Gomes (1984) como o maior ato de coragem já visto nesta terra.

Dessa forma, a história local por meio da narrativa de Oliveira (1963) e Gomes (1984) realçam essas qualidades na construção do mito do herói Silvino estabelecendo uma continuidade das características dos grande homens locais em suas virtudes. Ele é tomado como exemplo aos picuienses e conseqüentemente é difundida a sua história com intuito de contribuir para a concretização de uma identidade comum aos picuienses e de certa forma engrandecer o lugar.

Acima de tudo, na história local, Silvino de Macedo é ligado ao seu lugar de origem, despertando um sentimento de pertencimento. Suas qualidades heróicas e revolucionárias

foram reveladas desde cedo, antes mesmo de dar a vida pela causa coletiva. As revoltas de que participou foram consideradas apenas uma oportunidade para demonstrar suas virtudes. É como se os valores atribuídos a Silvino, tivesse o levado a lutar pelo um ideal coletivo.

A sua volta para Picuí nos anos 90, quando é realizado o traslado do seu corpo físico e a construção do monumento, é a tentativa de determinado grupo social reavivar sua memória e concretizar a sua imagem. Pois, de certa forma, o ato público impulsionaria o seu simbolismo.

No entanto, hoje, a maioria das picuienses desconhecem esse herói, ou o que ele fez, ou sequer que os restos mortais dele esta naquele local. Desta forma, verificamos que a sua imagem foi criada e desenvolvida num contexto local e específico da história da cidade, contudo, sua memória deixou de ser perpetuada.

Portanto, esse trabalho é fundamental para pensarmos como foi construído historicamente este herói picuiense na história local, possibilitando ao leitor um olhar problematizador, partindo da premissa que os indivíduos se produzem e são produzidos numa determinada cultura, através de determinadas práticas, discursos e interesses, que podem ser alterados ou até mesmo extintos ao decorrer do tempo.

Para analisarmos as ações de Silvino precisamos fazer um estudo mais aprofundado para entender o lugar e o contexto em que ele se inseria. Como também analisar as fontes disponíveis sobre as revoltas que Silvino tomou parte ativa, a instituição que fazia parte e as ideologias políticas que se constituía no exército naquela época, como todos outros motivos que poderia influenciar suas ações. Silvino não nasceu herói, e tão pouco teria lutado unicamente por vontade própria ou destino.

Por esta via, também apontamos que a fundação de um lugar, não depende das aspirações de apenas um sujeito ou família, mas se faz em conjunto, em uma rede de relações política, econômica e sociocultural. Sabemos também da participação de outros personagens que participaram ativamente da construção da cidade, como escravos, agricultores, mulheres, crianças e tantas outras categorias que são resevados a um lugar de esquecimento na produção da história local e nos lugares de memória.

Por fim, os aportes teóricos contidos na referida pesquisa, possibilitaram ao fim desta o alcance almejado, levando em consideração que ao longo do desenvolvimento da pesquisa,

as referidas fontes responderam a problemática central que norteou essa pesquisa. Levando-nos a concluir que o herói picuiense foi construído, sobretudo, com o intuito de propagar na história local as características e os feitos dos grandes homens picuienses, com o fim de alicerçar uma identidade ao lugar.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- AGRA, Fabiana de Fátima Medeiros: **Picuí do Seridó, século XX**, volume 1, 1900–1950. João Pessoa: A União, 2014.
- AGRA, Fabiana de Fátima Medeiros: **Picuí do Seridó: dos primórdios até 1930**. João Pessoa: A União, 2010.
- BARROS, José D'Assunção. **A Escrita da História– Desafios Contemporâneos**. Eunapolis, BA: UNEB, 2010.
- BARROS, José D'Assunção. **História e Memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço**. In: Revista MOUSEION, vol. 3, n.5, p.35-67, Jan-Jul/2009. Disponível em: [https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia\\_memoria.pdf](https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf) Acesso em: 14 Fev. 2022.
- BENTO, Cel Cláudio Moreira. **Os 150 anos da criação do Batalhão de Engenheiro em 23 de Janeiro de 1855**. Artigo digitalizado da Revista do Exército Brasileiro, 2005. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/>. Acesso em: 25 de Julho de 2022.
- BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CAIMI, F.E; MISTURA, L. **Representações de estudantes sobre heróis nacionais: Histórias conectadas de Argentina, Brasil, Chile e Uruguai**. In: CERRI, L.F. Os jovens e a História: Brasil e América do Sul. Ponta Grossa: UEPG, p. 137-161, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788577982486.0007>>. Acesso em: 26.Jun.2022.
- CALVACANTI, Amanda A. Miranda. **Mário Melo e suas histórias dentro da História**. Intelléctus Ano XV, n. 1, p. 208-221, 2016.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.** — São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTELO BRANCO, Uyguciara Veloso. **A construção do Mito do “Meu Filho Doutor”:** **Fundamentos Históricos do Acesso ao Ensino Superior no Brasil.** João Pessoa-PB: UFPB/ Editora Universitária, 2005.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CARRIJO, Liliane Gonçalves de Souza. **Frei Caneca na historiografia: da questão nacional ao revisionismo. Em Tempo de Histórias.** Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB) n.º 20, Brasília, jan. – jul. 2012. ISSN 2316-1191.

CARNEIRO, Glauco. **História das Revoluções Brasileiras. Da Revolução da República à Coluna Prestes (1889/1927).** Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965, V. I.

CARONE, Edgar. **A República Velha (Evolução Política).** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 2 ed, 1974, v.II.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 13-61.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia.** Coimbra: Quarteto, 2001.

CORRÊA, Antônio. **Discurso do Conselheiro presidente Antônio Corrêa de Oliveira ao receber, no Tribunal de Justiça, falando em nome de todos os agraciados, a Medalha Joaquim Nunes Machado (13.08.96).** Revista do Tribunal de Contas de Pernambuco/96. Pernambuco, V. 7 n. 7, 1996. Disponível em: [https://periodicos.tce.pe.gov.br/seer/ojs-3.1.2-1/index.php/Revista\\_TCE-PE/article/view/1154](https://periodicos.tce.pe.gov.br/seer/ojs-3.1.2-1/index.php/Revista_TCE-PE/article/view/1154) Acesso em : 13 de Jun. de 2022.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia. A história entre certezas e inquietude.** Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHIOZZINI, Daniel. **Memória é matéria prima do trabalho do historiador.** Com Ciência, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/memoria/04.shtml>. Acesso em: 16 de Maio de 2022.

COSTA, Sergio Corrêa da. **A diplomacia do Marechal: intervenção estrangeira na Revolta da Armada .3. ed.** Brasília: FUNAG, 2017.

FABRE, D. **L’Atelier des héros. In:**P. CENTLIVRES; D. FABRE; F. ZONABEND (dir.), *La fabrique des héros.* Paris, Maison des sciences de l’homme, 1998.



FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e História oral**. Topoi. Rio de Janeiro, p.314-332, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/fpGyHz8dRnk56XjcFGs736F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de Maio de 2022.

FRAGA, André Barbosa. **Os heróis da pátria: política cultural e história do Brasil no governo Vargas**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 157 p. 2012. Disponível em: [https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert2012\\_Andre\\_Barbosa\\_Fraga.pdf](https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert2012_Andre_Barbosa_Fraga.pdf). Acesso em: 25 de Maio de 2022.

FREIRE, Diego José Fernandes. **O (des) encontro entre História e memória. História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 9, n. 21, 2016. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1020>. Acesso em: 16 de Maio de 2022.

GANDI, Lucas. **A Fabricação do Herói. Uma análise da justificativa parlamentar para a propositura e nomes para o livro dos heróis da Pátria**. In: ECONTRO DE PESQUISA DE COMUNICAÇÃO, 7, 2005, Paraná. **Anais**. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 24 e 26 de Set, 2005. Tema: GT Comunicação e Política. Disponível em: <https://eventos.ufpr.br/enpecom/enpecom2015/paper/view/141>. Acesso em: 21 de Fevereiro de 2022.

GIRARDET, R. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GOMES, Angela de Castro. **A República, a História e o IHGB**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2009.

GOMES, Angela de Castro. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GOMES, Felipe Tiago. **Silvino de Macêdo, Herói Picuiense**. Brasília: Edições cenevistas, 1984.

HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

JORNAL DO RECIFE. Typ. do Jornal do Recife, 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=%22Mario%20Melo%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6968>. Acesso em: Janeiro de 2022.

JORNAL PEQUENO, Recife, 03 de Junho de 1935, n.125, p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20193&pesq=%22Silvino%20de%20Mac%C3%AAdo%22&pagfis=55926>. Acesso em: Março de 2022.

JORNAL PEQUENO. Recife, 28 de Junho de 1941, n.144, p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=66571> Acesso em: Janeiro de 2021.

JORNAL PEQUENO. Recife, 7 de Junho de 1941, n.151,p.3. IN: GOMES, Felipe Tiago. Silvino de Macêdo, Herói Picuiense. Brasília: Edições Cenecistas, 1984.

JORNAL PEQUENO, Recife, 17 de Julho de 1941, n.159, p.1,2, e 3. IN: GOMES, Felipe Tiago. Silvino de Macêdo, Herói Picuiense. Brasília: Edições Cenecistas, 1984.

JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, Santa Catarina, 27 de Janeiro de 1892, n.275, p.2. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/Jornal%20do%20Comercio/1892/JDC1892275.pdf> Acesso em: Março de 2022.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Pará, 2 de Fevereiro, 1894, p.1, n.25. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763659&pesq=%22Silvino%20Macedo%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=12431> Acesso em: Março de 2022.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Pará, 11 de Fevereiro, 1894, p.1, n 35. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763659&pesq=%22Silvino%20Macedo%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=12455>. Acesso em: Março de 2022.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Recife, 10 de Setembro de 1901, p.1, n.204. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066\\_01&pesq=%22Silvino%20de](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&pesq=%22Silvino%20de)

%20Macedo%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=10791 Acesso em: Março de 2022.

KAUFMANN, Jean Claude. **A invenção de si – Uma teoria da identidade**. Lisboa: Piaget, 2005.

LEGOFF, Jacques, 1924. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: Feuerbach – a contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MATTOS, Solange Missagia de. **Imaginário mítico: o simbolismo do herói à luz de Joseph Campbell e Carl Gustav Jung**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Belo Horizonte, 2011.

MEDEIROS, Eliton S. Pelos Caminhos **da Família Macedo do Sertão: do Paó ao Seridó**. Vol.II. 1. Ed. São José do Rio Preto, SP: Serifa Editora e Comunicação, 2021.

MELO, Mário. A lúgubre Mangueira (Útima execução havida em Pernambuco). Revista Criminal, Recife, v. 1, nº1, p.1-7, Set, 1929. IN: GOMES, Felipe Tiago. Silvino de Macêdo, Herói Picuiense. Brasília: Edições Cenecistas, 1984.

MENDONÇA, K. **A salvação pelo espetáculo – mito do herói e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

MICELI, Paulo. **O mito do herói nacional**. São Paulo: Contexto, 1997.

MONTEIRO, Luíra Freire. **Retórica da alteridade: Portugal e portugueses na historiografia brasileira**. São Paulo: Hedra, 2016.

MONTEIRO, Luíra Freire; OLIVEIRA NETO, M. G. **A Caracterização do Sertanejo e os Retalhos da Paraibanidade do IHGP na Obra “O QUEBRA-QUILO”, de Geraldo Irineo Joffily**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA- ANPUH-PB,18, 2016, Guarabira. **Anais**. Guarabira: UFPB, 2016. Tema: ST1 - História, memória e identidade paraibana: experiências de ensino e de pesquisa. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/xviieeh/xviieeh/paper/viewFile/3382/2751>. Acesso em: 15 de Jun.de 2022.

MONTEIRO, Luíra Freire; SANTANA, Flávio Carreiro de. **Arquitetura da Paraibanidade: A construção da Historiografia Paraibana**. In: MONTEIRO, L.F; SANTANA, F.C.de. (org). O passado ao nosso redor: histórias pela Paraíba. Campina Grande-PB, 2020. p. 19-43.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **Fontes Audiovisuais. A História depois do papel**. IN: Fontes históricas. PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

NOBREGA, Alessandro Teixeira. **A Coleção Mossoroense e a construção dos Mitos: Dix sept Rosado, o herói imolado**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História e Espaços. UFRN, Natal, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16990> Acesso em 02 de Jun. de 2022.

NOSEDA, Vilma C.S. A. **Era uma casa... Muito engraçada... A memória do Sítio do Mandú**. 2017. 186 p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

NORA, P. **Entre memória e história. A problemática dos lugares**. Projeto História, n. 10, 1993.

NOVAIS, Fernando, 2020. **Colonização e formação do Brasil**. Entrevista concebida ao canal do café filosófico CPFL. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Dfe8NoGm\\_d4](https://www.youtube.com/watch?v=Dfe8NoGm_d4) Acesso em: 17 Out. 2020

OLIVEIRA, Abílio César de. **Município de Picuí. Esboço Histórico**. Tipografia: Santa Teresinha. Natal, 1963.

OLIVEIRA, Chargas Priscila. **Fragmentos do Préterito: Reflexões acerca da Memória individual e coletiva**. Revista do Programa de Pós Graduação em Ciência e informação da Universidade de Brasília: Museologia & Interdisciplinaridade, v.5, n. 9, Jan./ Jun. de 2016.

OLIVEIRA, L. A. **O teatro da memória e da história: alguns problemas de alteridade nas representações do passado presentes no culto aos mártires de Canhaú-RN**. Revista de Humanidades, Fortaleza: UNIFOR, v. 4, n. 8, p. 80-110, abril- setembro de 2003.

PARAÍSO, Rostand. **Cadê Mário Melo**. Comunigraf, Recife, 1997.

PEREIRA, Lucas de Almeida. **Da Filosofia á História: os diálogos entre Foucault e os Annales**. Jundaí, Paco Editorial, 2017.

PESAVENTO, S Jatahy. **Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano**. Cadernos do LEPAARQ, v.2, n.4, p.10–16 2005. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/893> Acesso em: 16 de Maio de 2022.

PESAVENTO, S Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 1–13, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/BXNmGmrvkWDkdVR4VPskmLJ/> Acesso em: 16 de Maio de 2002.

PINHEIRO, Alisson. Silvino de Macedo, **O picuiense que entrou pra história**, Picuí-PB, 2013. (Arquivo pessoal do autor).

PINHEIRO, Alisson, **Picuí no tempo da escravidão**. Portal do Curimataú, 21 de Maio de 2016. Disponível em: <http://portaldocurimatau.com.br/2016/04/21/picui-no-tempo-da-escravidao/>. Acesso em: 22 de Maio de 2022

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro, Estudos históricos, v. 5, n. 10, 1992.

PRATA, Maria Catharina Reis Queiroz. **As pedras da memória: patrimônio urbano e cultural em Campos dos Goytacazes**. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), UNESP, Campus Assis, SP, v. 16, n. 2, p. 444-468, 2020.

PRATSCHKE, Anja; TARDIVO, Jessica Aline. **Cidades como lugares de memória**. Revista Memória em Rede, Pelotas/RS, v. 8, n. 15, p.1–15, 2016. Disponível em: [http://www.liber.ufpe.br/home/wp-content/uploads/2016/09/10-Cidade-como-lugar-de-memorias\\_Tardivo.pdf](http://www.liber.ufpe.br/home/wp-content/uploads/2016/09/10-Cidade-como-lugar-de-memorias_Tardivo.pdf). Acesso em: 11 de Janeiro de 2022.

PRAXEDES, Vanda Lúcia. **A Teia e a Trama da “Fragilidade Humana”: Os Filhos Ilegítimos em Minas Gerais (1770-1840)**. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 11, 2004, Minas Gerais. Anais. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/D04A018.PDF>. Acesso em: 13 de Jun. de 2022.

QUEIROZ, Frederico. **Filhos fora do casamento têm direito à herança?** Jus.com.br, 2019. Disponível em: [Filhos fora do casamento têm direito à herança? - Jus.com.br | Jus Navigandi](https://jus.com.br/artigos/10000/filhos-fora-do-casamento-tem-direito-a-heranca). Acesso em: 13 de Jun. de 2022.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **Puzzle entre História e Memória**. In: CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA, 1, 2008, Aracaju. **Anais**. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe/Associação Nacional de História – Núcleo de Sergipe. 8-10 outubro de 2008. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/1358> Acesso em: 17 Maio 2022.

SAES, Guillaume Azevedo Marques de. **A República e a Espada: A Primeira Década Republicana e o Florianismo**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28042006-181955/publico/Tese\\_\\_Saes\\_Guillaume\\_Azevedo\\_Marques.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28042006-181955/publico/Tese__Saes_Guillaume_Azevedo_Marques.pdf) Acesso em: 10 de Outubro de 2021.

SANTOS, M. P. dos. **História e Memória: Desafios de uma relação teórica**. OPSIS, Goiânia, v. 7, n. 9, p. 81–98, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/Opsis/article/view/9331>. Acesso em: 17 Maio 2022.

SARAIVA, Filho F. **Na fábrica do mito – algumas notas sobre a estória de Dom Afonso I**. Revista da Faculdade de Letras do Porto: Línguas e Literatura, 1999, n. XVI.

SILVA, Beatriz Coelho. **Revolta da Armada**. FGV.CPDOC, 2016. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/revolta-da-armada>

SOUZA, Ana Beatriz Ramos. **O Panteón Nacional de los Heroes e a construção do mito de Solano López**. História Unisinos, vol. 23, núm. 3, pp. 345-355, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/hist.2019.233.03>. Acesso em: 17 de Maio de 2022.

VASCONCELOS, Pedro de A. **As Metamorfoses do Conceito de Cidade**. Mercator, Fortaleza, v. 14, n. 4, Número Especial, p. 17-23, dez. 2015. ISSN 1984-2201. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/PjdMPX9Z6QtJxxfMKj3Mdjn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 16 de Maio de 2022.

VERNANT, J-P. **Entre mito e política**. São Paulo: Edusp, 2002.

## Fontes

### Documentais

Livro nº 11 de Batismos da Freguesia de Cuité dos anos de 1871 a 1873. Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora das Mêrces.

Poder Executivo do Município de Picuí. Cópia da Ata da Reunião da análise da data de Emancipação Política do Município de Picuí-PB. Picuí, Fevereiro, 2015. Arquivo pessoal do Advogado Udenilson da Silva Silveira, o qual foi quem lavrou a referida Ata.

### Ilustrações

FOTOGRAFIA 1- Silvino de Macedo em 1893

FOTOGRAFIA 2- Dedicatória de Silvino de Macedo em 1893. 1984

FOTOGRAFIA 3- Jazigo Perpétuo dos fuzilados da Imberibeira na Matriz de Afogados em Recife no ano de 1901.

FOTOGRAFIA 4- Travessa Sargento Silvino Honório de Macêdo localizada no bairro Centro de Picuí em 2022.

FOTOGRAFIA 5- Sobrado em que Silvino de Macedo teria nascido em 1871.

FOTOGRAFIA 6- Jazido de Silvino de Macedo construído em Picuí na década de 90.

FOTOGRAFIA 7- Placa de identificação do Jazido de Silvino de Macedo

### Jornais

ARAÚJO, Vicente Ferrer de B. W. A execução de Silvino de Macedo: estudo crítico e histórico. Recife: Typ. do Jornal do Recife, 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=%22Mario%20Melo%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6968> Acesso em: Janeiro de 2022.

ANDRADE. J.L Serrano. Ainda o caso do parque- Um parente para Silvino de Macedo. Jornal Pequeno, Recife, 03 de Junho de 1935, n.125, p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20193&pesq=%22Silvino%20de%20Mac%20C3%AAado%22&pagfis=55926> Acesso em: Março de 2022.

GOMES, Felipe. O Sr. Mario Melo enganou-se. Jornal Pequeno, Recife, 28 de Junho de 1941, n.144, p.3. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=66571> Acesso em: Janeiro de 2021.

GOMES, Felipe. A Verdade é a Luz da Razão. *Jornal Pequeno*, Recife, 17 de Julho de 1941, n.159, p.1,2, e 3. IN: GOMES, Felipe Tiago. *Silvino de Macêdo, Herói Picuiense*. Brasília: Edições Cenecistas, 1984.

GOMES, Felipe. Um Convite Especial. *Jornal Pequeno*, Recife, 7 de Junho de 1941, n.151,p.3. IN: GOMES, Felipe Tiago. *Silvino de Macêdo, Herói Picuiense*. Brasília: Edições Cenecistas, 1984.

JORNAL DO COMMERCIO. Revolta de Presos. Desterro, Santa Catarina, 27 de Janeiro de 1892, n.275, p.2. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/Jornal%20do%20Comercio/1892/JDC1892275.pdf> Acesso em: Março de 2022.

AUTOR DESCONHECIDO. Diário de Noticiais. A anarchia. Pará, 2 de Fevereiro, 1894, p.1, n.25. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763659&pesq=%22Silvino%20Macedo%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=12431> Acesso em: Março de 2022.

AUTOR DESCONHECIDO. Diário de Notícias. Poesia Épica. Pará, 11 de Fevereiro, 1894, p.1, n 35. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763659&pesq=%22Silvino%20Macedo%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=12455> Acesso em: Março de 2022.

PINHEIRO, Padre Hermeto. Diário de Notícias. Fuzilados da Imbiribeira, Recife, 10 de Setembro de 1901, p.1, n.204. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066\\_01&pesq=%22Silvino%20de%20Macedo%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=10791](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&pesq=%22Silvino%20de%20Macedo%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=10791) Acesso em: Março de 2022.

**Oral**



Udenilson da Silva Silveira, Solteiro, Advogado e Funcionário Público do Estado da Paraíba, Residente na Rua Aníbal C. Macedo em Picuí-PB.

### **Audiovisuais**

CHEGADA DOS RESTOS MORTAIS DE SILVINO MACÊDO – PICUÍ, 1990 – PARTE 01. (10 min e 34seg). Publicado pelo canal Museu virtual Picuí minha terra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gqEsZ-U0BZw&t=384s> Acesso em: 14 Mar. 2022. Acesso em: 14 Mar. 2022.

CHEGADA DOS RESTOS MORTAIS DE SILVINO MACÊDO – PICUÍ, 1990 – PARTE 02. (10 min e 40seg). Publicado pelo canal Museu virtual Picuí minha terra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GzsCrNIBA9A> Acesso em: 14 Mar. 2022.

CHEGADA DOS RESTOS MORTAIS DE SILVINO MACÊDO – PICUÍ, 1990 – PARTE 03, (9 min e 44 seg). Publicado pelo canal Museu virtual Picuí minha terra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n-KystwOVig> Acesso em: 14 Mar. 2022.

### **Virtuais**

VAINSENER, Semira Adler. Imbiribeira (Bairro, Recife). In: Pesquisa Escolar. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2003. Disponível em <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/imiribeira-bairro-recife/> Acesso em: 14 Mar. 2022.

# **ANEXOS**

**ANEXO A – DECRETO DE 5 DE AGOSTO DE 1892 REFERENTE A ANISTIA  
DE SILVINO E A TODOS OS PARTICIPANTES DA SUBLEVAÇÃO DE 19 DE  
JANEIRO DE 1892.**

PERÍODO REPUBLICANO

Decreto de 5 de agosto de 1 892 -

- Instaurado o regime republicano a 15 de novembro de 1 889, assumiu a chefia do Governo Provisório o proclamador da República, Marechal Deodoro da Fonseca, eleito pelos constituintes de 1 891, posteriormente, para o quadriênio a terminar em 1 894, como primeiro presidente do período republicano.

Desentendimentos entre o Chefe do Poder Executivo e o Congresso, principalmente a apresentação do projeto de lei de responsabilidade dos presidentes, levaram Deodoro a dissolver, num ato temperamental e de força, o Parlamento.

Aceito, com exceção do Governador do Pará, Lauro Sodré, por todos os presidentes e governadores dos demais Estados, o Decreto de 3 de novembro de 1 891, de fechamento do Congresso suscitou, entretanto, reação, pelas armas, chefiada pelo Almirante Custódio José de Mello, iniciada a 23 de novembro e que culminou com a renúncia de Deodoro.

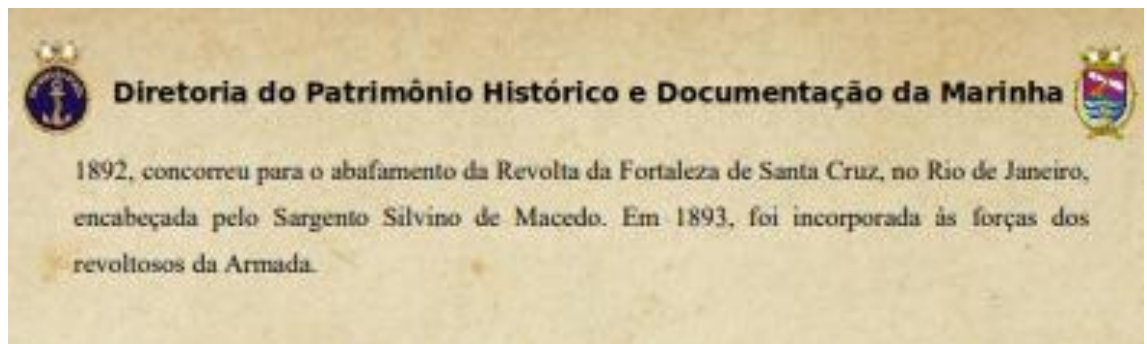
Assumindo em seguida o poder, enfrentaria Floriano Peixoto, menos de dois meses após, a 19 de janeiro de 1 892, o levante das fortalezas da Baía da Guanabara, comandado pelo Sargento Silvino Honório de Macedo e cujo objetivo declarado era o de restituir o poder a Deodoro da Fonseca.

Beneficiária, a anistia de 5 de agosto de 1 892, aos participantes dessa sublevação.

**Fonte:**

[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=986F3027E31A623362C72FF01764574F.proposicoesWebExterno1?codteor=1187987&filename=Dossie+-PL+2360/1974](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=986F3027E31A623362C72FF01764574F.proposicoesWebExterno1?codteor=1187987&filename=Dossie+-PL+2360/1974)  
Acesso em: 01 de Jun.de 2022.

**ANEXOS B E C– CANHONEIRA QUE SERVIU PARA O ABAFAMENTO DA  
REVOLTA DA FORTALEZA DE SANTA CRUZ ENCABEÇADA POR SILVINO DE  
MACEDO E EM 1893 FOI INCORPORADA AS FORÇAS DOS REVOLTOSOS DA  
ARMADA**



**Fonte:**

<https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/OrionCanhoneira1846s.pdf>.  
Acesso em: 01 de Jun.de 2022

**ANEXO D- MINISTÉRIO DA GUERRA EM 03 DE OUTUBRO DE 1892 PUBLICOU  
NO DIÁRIO OFFICIAL DA UNIÃO MANDATO DE EXCLUSÃO DO 2º SARGENTO  
SILVINO HONÓRIO DE MACEDO DO SERVIÇO DO EXÉRCITO**

uma secção eleitoral no dia 30 do corrente, em que deverão realizar-se as eleições para os logares de intendentes municipaes.

—A' Repartição de Ajudante General:

Determinando que expeça ordem para que o commando do 5º districto militar mande apresentar ao encarregado das obras militares do estado de Santa Catharina 60 praças do 25º batalhão de infantaria e dous officiaes, afim de encarregarem-se da abertura da estrada de rodagem da colonia de Therezopolis à colonia militar de Santa Therezi;

Approvando a conta da administração da caixa da musica do 32º batalhão de infantaria relativa ao 2º semestre de 1892;

Transferindo para a 32ª batalhão de infantaria o alferes do 10º da mesma arma Emilio Braulto de Azevedo Leite;

Concedendo as seguintes licenças:

Por dous mezes, aos alumnos da Escola Militar do Ceará Raymundo Barroso de Carvalho e Domingos Monteiro da Cunha, para, depois dos exercicios praticos, irem, o primeiro ao estado do Pará visitar sua familia e o segundo ao de Piahy tratar de negocios de seu interesse, devendo correr por sua conta propria as despesas de transporte;

Para no anno proximo vindouro se matriculem nas escolas militares desta capital e do Rio Grande do Sul, si houver vagas e satisfizerem as exigências regulamentares:

Na Escola Militar da Capital, ao paisano José Pedro de Azevedo Picanha, que ficará desde já a disposição do commandante da referida escola;

Na escola Militar do Rio Grande do Sul, ao 2º sargento Jeronymo Pires Missel e furriel Patricio Bruce, ambos do 2º batalhão de engenharia, e ao furriel do 3º de infantaria Filemor Castor de Araujo Lopes.

**Mandando:**

Excluir do serviço do exercito o 2º sargento Silvino Honorio de Macedo, sem corpo designado, encostado à fortaleza de Santa Cruz e que se acha actualmente em tratamento no hospital de Marinha desta Capital;

Trancar a matricula com que frequenta as aulas da Escola Pratica do Exercito o alferes

se mostrarem habilitados a assumir as competentes responsabilidades, os respectivos serviços de colonisação, e, consequentemente, a direcção, economia e custeio das colonias nelles existentes, que fazem parte essencial daquelles serviços, resolveu entregar a esse estado os nucleos coloniaes «Rodrigo Silva» e «S. João d'El-Rei», correndo as despesas com a administração dos referidos nucleos por conta do estado de Minas Geraes, na forma da disposição legal acima citada.

Saude e fraternidade.—*Serzedello Corrêa*.—Ao presidente do estado de Minas Geraes.

**PRIMEIRA DIRECTORIA DE OBRAS PUBLICAS**

*Expediente do dia 3 de outubro de 1892*

Ministerio dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas—Gabinete.—Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1892.

Convindo regularisar toda a escripturação da Estrada de Ferro Central, rogo-vos que providenciéis no sentido de ser nomeada uma comissão de empregados do Thesouro ou da Fazenda afim de proceder à inspecção de toda escripturação, da tomada de contas e de tudo o que disser respeito à thesouraria da mesma estrada.

Si houver irregularidades, rogo-vos que as communiqueis, à proporção que forem sendo encontradas, a este ministerio, afim de com urgencia providenciar fazendo cessar o abuso e punindo os responsaveis.

Saude e fraternidade.—*Serzedello Corrêa*.—Sr. ministro de Estado dos Negocios da Fazenda.

— Communicou-se ao director da Estrada de Ferro Central do Brazil que foi deferido o requerimento em que o Dr. Emygdio Dias Novaes pede a concessão de um passe gratuito em qualquer trem para prestar serviços medicos ao pessoal da mesma estrada, convindo, porém, que, previamente, apresente o requerente, à directoria da mesma estrada uma relação dos empregados a quem presta os serviços de sua profissão.

*Expediente do dia 30 de setembro de 1892*

— Ao presidente da Companhia Viação Ferrea e Fluvial do Tocantins, autorisando a aquisição do vapor *Mirasma*, para ser empregado na nevegação do baixo Tocantins, como requereu.

— Ao Ministerio da Guerra, para mandar proceder à inspecção de saúde em Eduardo Gomes da Silva, aposentado no logar de guarda da Inspecção Geral das Obras Publicas, e que declara achar-se actualmente em condições de continuar a servir no mesmo logar.

*Requerimentos despachados*

*Dia 29 de setembro de 1892*

Joaquim Caetano Pinto Junior, propondo-se a contratar a construção das obras e assentamento da via permanente do ramal da Tapera à Gloria do Góitã da Estrada de Ferro Central de Pernambuco.—Vae ser aberta concorrência.

*Dia 30*

Eduardo Gomes da Silva, pedindo ser reintegrado no logar de guarda da Inspecção Geral das Obras Publicas.— Apresente-se ao Ministerio da Guerra, para ser submettido à inspecção de saúde.

*Dia 1 de outubro*

Antonio de Souza Ribeiro, pedindo uma parada dos trens da Estrada de Ferro Central do Brazil, em sua fazenda denominada *Paciencia* na freguezia de Campo Grande.— Já determinou este ministerio que o requerente se entendesse com o director da estrada, afim de entrar em accordo.

John Carew & Comp., propondo-se a fornecer carvão cardiff à Estrada de Ferro Central do Brazil.—A vista das informações, não tem logar o que requerem.

*Dia 3*

D. Anacleta Luiza Duffles, viuva de Thomaz Duffles, ex-empregado da Estrada de Ferro D. Pedro II, hoje Central do Brazil, pedindo que a vista do termo, que apresenta,